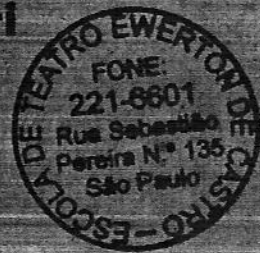


40
19

varia 04

Gianfrancesco Guarnieri



GIMBA,

PRESIDENTE DOS VALENTES

Peça em 1 prólogo e 2 tempos

(Representada pela 1.^a vez no Teatro Maria Della Costa, em São Paulo, no dia 17 de abril de 1959)



da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

1959



Gianfrancesco Guarnieri

Gianfrancesco Guarnieri nasceu em Milão, Itália, em agosto de 1934. Com um ano de idade chegou ao Rio de Janeiro onde permaneceu até 1954, quando transferiu-se para São Paulo. Descendente de uma família de músicos, tanto do lado paterno, como do materno, é filho do maestro Edoardo de Guarnieri e da harpista Elsa Martinenghi Guarnieri. Após uma curta experiência em teatro amador no Rio de Janeiro, onde Guarnieri participava dos espetáculos do grupo cênico do colégio Sto. Antônio Maria Zaccaria, somente em São Paulo veio preocupar-se novamente com teatro. Foi um dos fundadores do Teatro Paulista do Estudante vindo a ser presidente. Com o T. P. E. atuou como ator na peça de estréia do grupo — "A Rua da Igreja" de Lennox Robinson; "Está Lá Fora um Inspetor" de J. B. Priestley; "O Impetuoso Capitão Tic", de Labiche. Com seu trabalho no papel de "Inspetor" na peça de Priestley foi premiado com o "Arlequim" de melhor ator do II Festival Paulista de Amadores Teatrais. Tendo entrado em contacto com diversas

personalidades de nosso mundo teatral, Guarnieri decidiu-se definitivamente pelo teatro, dedicando-lhe todo o seu tempo. Ainda como amador, em virtude de um acôrdo firmado entre o T. P. E. e o Teatro de Arena, atuou naquêle conjunto participando da montagem de "Escola de Maridos" de Molière e "Dias Felizes" de Claude André Puget. Nessa época recebeu o prêmio máximo do programa "Chance na T. V." de Cacilda Becker, atuando em alguns teatros das 2.^a feiras no Canal 7. Optando pelo profissionalismo, interpretou o papel de George em "Ratos e Homens" de John Steinbeck no Teatro de Arena, que lhe valeu o prêmio de "Revelação de Ator" de 1956, conferido pela Associação Paulista de Críticos Teatrais.

No entanto, atuando como ator do elenco permanente do Teatro de Arena, Guarnieri não descuidava do seu maior objetivo — escrever. Participando como ator das montagens do Arena, nas horas livres escrevia a sua primeira peça "Eles Não Usam Black Tie", que seria montada pelo Teatro de Arena em fevereiro de 1958.

Guarnieri não descuidou também do cinema. Aceitando um convite de Roberto Santos, interpretou o principal papel masculino do filme "O Grande Momento" produzido por Nelson Pereira dos Santos, que lhe valeu o prêmio de "Melhor Ator De Cinema", conferido pela crítica carioca.

"Eles Não Usam Black-Tie", no entanto, é que daria ao autor os momentos de maior alegria, obtendo um enorme êxito de crítica e de público, permanecendo em cartaz no Teatro de Arena durante um ano. "Eles Não Usam Black-Tie" foi apresentada em diversas cidades do interior paulista para platéias das mais diversas, sempre com grande sucesso. Com essa peça Guarnieri recebeu os prêmios de "Revelação de Autor" de 1958, conferido pela A. P. C. T. prêmio "Governador do Estado de São Paulo" e prêmio "Saci" do mesmo ano. Atualmente sua segunda peça: "Gimba — Presidente dos Valentes" encontra-se em cartaz no teatro Maria Della Costa, obtendo também um dos maiores sucessos do teatro paulista. Na montagem do T. M. D. C. Guarnieri participa também como ator levando a companhia na viagem programada para a Europa.



NOSSO AMIGO "GIMBA"

por FLÁVIO RANGEL

É uma história simples, a do nosso bom amigo Gimba: quando aparece em cena vem de um passado triste e a exaustão resolveu-lhe um conflito ético, de sorte que não mais deseja a classificação de perigoso facinora. Encontrou um lugar edênico e quer levar sua mulata para lá.

A peça é a observação desse movimento à luz de uma relação evolutivo-involutiva, pois contra a esperança de Gimba existem tendências antagônicas: o grave perigo de um rival enciumado, o imponderável e a sempre desagradável organização policial. Quando as coisas começam a piorar, fica claro que as definições que os jornais deram ao herói não convêm: ele é um rapaz cansado. Sua mulata precisará animá-lo, e o faz com tal habilidade que ele consegue ainda reunir o restinho de nervo que possui. Mas o mecanismo já estava armado e vem a desilusão. "Quando o homem vislumbra a verdade, sobrevem a noite do infortúnio", diz Bertolt Brecht através de Galileo Galilei, — e isto serve para Gimba. Ele deixa a legenda, a mulata e a navalha, que será empalmada por Tico, cuja personalidade em plasmação não consegue resistir à morte de seu ídolo. O menino Tico continuará o drama de Gimba — e também provavelmente terminará morto numa favela: numa das cento e vinte e sete favelas que existem no Rio de Janeiro.

Gimba é um malandro querido, pois representa o arrivismo de um grupo humano, contrário aos que os lançaram na miséria; quando Guiô afirma que não se pode resistir de viver, pois é a única coisa que se possui, ela sintetiza toda uma condição.

O simples resumo da peça e a geografia em que ela se desenrola para que se tome ciência do enorme conteúdo social deste drama de gente pobre; não estivesse Gianfrancesco Guarnieri entre os escritores mais "engajados" da atual dramaturgia brasileira.

Tratando-se do segundo trabalho de um dramaturgo tão importante, não será demais observar-lhe os progressos desde "Eles não usam black tie". Do ponto de vista político, "Gimba" parece ser mais bem resolvida, pois a tendência ressaltando da própria situação, não é explicitamente formulada; do ponto de vista de estrutura teatral é algumas vezes mais ambiciosa e no que diz respeito à composição dos personagens, o autor os informa sempre numa base dicotômica, usando como recurso principal uma constante transmutação, oriunda dos choques determinados pela fluência da ação — o que de uma certa forma é novo em dramaturgia da nossa época. Em duas horas de ação, existe um único "strip-tease" psiquiátrico. E sendo um escritor autenticamente brasileiro, não bebe sua inspiração em teatro algum de qualquer época, de qualquer parte do mundo; vai buscá-la nas fontes populares de seu país, e usa alguns elementos teatrais autóctones, unificando-os para servir a ação.

"Gimba" é uma peça arrojada e corajosa, cheia de invenção e de uma inspiração poética que permanece presente em grande parte do seu desenvolvimento.

Inútil repisar o velho tema da necessidade de uma dramaturgia nacional. Se ainda existe alguém que prefira comediantes versáteis e apresentações histriônicas particulares a dramaturgos, gostaria que visse a satisfação dos nossos intérpretes em contacto com a sua língua e retratando a gente de seu povo. Nós falamos dos personagens desta peça como se eles fossem nossos velhos amigos, e nos debruçamos sobre eles com carinho, compreensão e vontade de ajudá-los. Assim atuou sobre todos o texto: transformou o Teatro Maria Della Costa numa grande família, a tal ponto que a alguns instantes da estréia, Gianfrancesco Guarnieri é o almoxarife das nossas esperanças.

Um deputado e autor teatral escreve sobre "Gimba"

Tendo sido deputado no Teatro Maria Della Costa, o PRESIDENTE "GIMBA", de Gianfrancesco Guarnieri, alcançando o sucesso na peça, o deputado Nelson Carneiro, que autor teatral, escreveu para o "Diário de São Paulo" uma brilhante crônica em que expõe interessantíssimos conceitos sobre teatro que, com a devida venia, transcrevemos abaixo:

Logo que cheguei a São Paulo, corri ao teatro, para garantir um lugar. Mesmo na véspera, porque à noite havia o Nat "King" Cole a preços mais cu meios populares, no Paramount. Eu já lera, já ouvira falar muito da peça. Os críticos, fazendo restrições. Os espectadores, louvando o espetáculo. Compreendo o teatro como se fora uma mensagem. O autor tem alguma coisa a transmitir aos outros. Professor, diria a seus alunos, do alto da cátedra. Sacerdote,

ESCOLA DE TEATRO MERTON DE CASTRO

usaria o púlpito. Escreveria versos, se fosse poeta. Teatrologo, lança peças. Divertem-me as comédias ligeiras, de costumes, feitas para descansar o espírito das atribuições de todo o dia. Mas o que me satisfaz, na arte teatral, é o brado de revolta ou de apaluso que vem do coração de quem escreve, grita na voz dos que interpretam e se derrama por sobre a plateia heterogênea. E foi em busca desse grito que entrei, sábado último, no Teatro Maria Della Costa.

Gimba é uma beleza. Não sei se será rigorosamente um espetáculo teatral, naquele sentido restrito que os críticos entendem um espetáculo teatral. Mas, sobretudo, é um quadro palpitante, real, da vida brasileira, uma fotografia do morro, do malandro, do crime. E tudo isso com uma nova movimentação, que traz ao palco dezenas de mulatinhos rosados e cabrochas sacudidas, para exaltar a habilidade e chorar a morte do "presidente dos valentes".

E possível que, na construção de alguns tipos, o autor não se tenha revelado irrepreensível. Mas Gianfrancesco Guarnieri tem vinte e dois, vinte e três anos, é um menino. Viu a vida, não a viveu ainda. Ao menos, não a viveu tanto que a pudesse fixar em tintas definitivas, sem nuances defeituosas ou instáveis. Aquêlê bandido que parece ter medo não é o bandido que a imaginação popular criou, não é talvez o bandido que os críticos de teatros acreditam que seja o verdadeira. Mas é o bandido como êle é, o falso bandido, o que se tornou bandido por culpa dos que deviam encaminhá-lo no primeiro erro, e não perseguí-lo até aos confins da terra, sem possibilidade de redenção. Gimba não é covarde, é humano. Matou cinco é verdade, mas nunca matou pelas costas, sempre matou para não morrer. Seu código de honra não o deixou matar para roubar. Sua aspiração é a tranquilidade de uma fazenda no Mato Grosso, lavrando a terra em contacto com a natureza com a natureza Guiô. Acorda, no instante final, para entregar-se às autoridades policiais, sob compromisso de respeitar-lhe a vida. Ele cumpre sua parte. Mas só êle cumpre sua parte...

Guiô é outra figura, que faz parte do morro, que salta do morro em corpo inteiro. Gimba foi o seu homem. Gimba volta a ser o homem, assim êle reaparece entre os casebres com

que a inspiração de Túlio Costa Giovangigli, reconstruiu a favela carioca. Gibiró é um episódio sem profundidade em sua vida, cheia de tanta ternura, de tanta luta, de tanta renúncia, de tanta dedicação. Empréstalo Maria Della Costa a autoridade de um desempenho real, animado, inesquecível. Guiô é um retrato. Um retrato que fica diante de nossos olhos, na sua meiguice, na sua coragem, no seu amor maternal por Tico, que Celeste Lima interpreta de maneira excepcional.

Aliás, a peça termina pondo fim a uma carreira e iniciando outra carreira nos atalhos do crime. Gimba morreu porque Gabiró, preterido no amor de Guiô, o foi denunciar aos que o perseguiram em nome da lei. Tico não perdoará jamais à Polícia que matou a Gimba desarmado, saindo do barraco para se entregar à Justiça. Seu primeiro crime, na manhã da juventude, é ali em público. Depois, virão outros. Quando Tico desce as escadas do morro, inicia também outra descida, pelos desvãos da ilegalidade. Gimba terá substituto. A incompreensão dos que têm a seu cargo a prevenção e a repressão dos crimes não permite que um bandido não seja substituído por outro bandido.

Gianfrancesco Guarnieri devia estar pensando no "Esquadrão da Morte" quando deu a um policial incontrolado a missão de liquidar Gimba. O que dá a seu trabalho uma atualidade indiscutível. E coloca todo o público aqui e em qualquer ponto do país, contra a estúpida mentalidade, que se pretende erigir em código de ética policial.

Carlão, aquêlê opóstolo de bondade, que o sempre novo Sadi Cabral vive com absoluta segurança, porque personagem e intérprete são afinal a mesma pessoa. Foi um encanto revê-lo, é sempre uma alegria aplaudi-lo. Ali está uma autêntica vocação artística, que eu vi nascer, quando junto trabalhávamos na mesma entidade. Sadi sempre foi Carlão. Vive seu próprio papel.

A peça é, afinal, a mensagem de desespero dos que aspiram a uma oportunidade de redenção. Mensagem que acompanha o espectador ainda depois que desce o pano, pela última vez. Mensagem que muito aplaudem, mas em que todos deveriam meditar.

E não será êsse o primeiro objetivo do teatro?

Na forma do que estabelecem as leis que protegem o direito de autor, nenhuma representação desta peça, seja por que processo for, poderá ser realizada sem autorização expressa da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS. Atendendo aos diversos compromissos assumidos pelo autor, com empresas profissionais, NADA DE REPRESENTAÇÃO desta peça deverá ser autorizada, pelos seus representantes da SBAT, a qualquer Cia. profissional, Grêmios de Autores, Teatros, Rádio, etc., sem que o autor GIANFRANCESCO GUARNIERI tenha dado previamente sua aprovação à sede da SBAT ou às suas Seções em todos os Estados. —

GIMBÀ, presidente dos valentes

Personagens e seus criadores:

<i>Junio</i>	- MALANDRO 1	Frederico Santana
<i>Casimiro</i>	- MALANDRO 2	Batista de Oliveira
<i>Levi</i>	- MALANDRO 3	Edson de Souza
<i>Caeti</i>	- NEGRÃO	Ivan de Paula
<i>Erivata</i>	- GUIO	Maria Della Costa
<i>Levi</i>	- TICO	Celeste Lima
<i>R. de Paulo</i>	- AMÉLIA	Ruthnéa Moraes
<i>Rui</i>	- RUI	Raul Martins
<i>Ravi</i>	- GABIRO	Oswaldo Louzada
<i>M. Angela</i>	- CHICA MALUCA	Ilema de Castro
<i>Leite</i>	- CARLAO	Sadi Cabral
<i>Casimiro</i>	- MAOZINHA	Gianfrancesco Guarneri
<i>eu</i>	- GIMBA	Sebastião Campos
	- <u>HOMEM</u>	Jorge Vieira
	- <u>MULHER</u>	Jacyra Costa
	- <u>MEDICO</u>	Paulo Pinheiro
	- ANGELO	Benjamin Cattan
<i>Junior</i>	- SANTANA	Vitor Jamil
	- DAMASCO	Eugênio Kusnet
<i>Paulo</i>	- REPORTER	Altamiro Martins
	- <u>FOTOGRAFO</u>	Tonió Savino
	- <u>POLICIAL 1</u>	William Ricardi
	- <u>POLICIAL 2</u>	Hilton Vianna
	- <u>POLICIAL 3</u>	Regis Fioravante

e uma escola de samba CENÁRIO

Pedacô de Fayela carioca. À esquerda, barracô de Guiomar. Teto de zinco inclinado, paredes de táboas, meia-porta, janela ao fundo. No interior: cômoda, fogareiro, bacia d'água, caixotes, pequena mesa e cama. Deve adivinhar-se continuação do barracô. Quarto de Guiomar. Fora do barracô, terreiro limitado por um declive do morro. Uma trilha sinuosa conduz ao terreiro. À direita, barracô de Chica Maluca, situado à beira de uma escarpa. Diversos barracos encarampitam-se um sôbre o outro.

PRÓLOGO

Inicia-se o quadro em absoluta escuridão. Refletor ilumina em resistência um grupo de personagens que conversam. São jovens.

...anteou, dei-lhe
...bem dado!
...ato então!
...ro comigo.
...éle... Fui
...veio rindo prá
...Ah, rapaz!
...he a cabeça no estômago,
...! Ah foi só chutá, não escolhia
lugar. Dorninha tava perto, como gritava a
danada!...

MALANDRO 1 — Com semvergonha é dá pancada! O filha da mãe tava dando feio em cima da Dora!

MALANDRO 2 — Mostrei prá êle!... Anda dizendo por aí que vai me matá, tal e coisa... Conversa, mata ninguém.

MALANDRO 1 — Facilita não, aquêle cara é traçoeiro!

MALANDRO 2 — Eu mostro prá êle!...

MALANDRO 3 — Viram o movimento de tira por aí?

MALANDRO 1 — Tá grande, n'é?

MALANDRO 3 — Com o Tico solto por aí, só podia tá.

MALANDRO 2 — Tão sêcos atrás do home!

GIMBA, PRESIDENTE DOS VALENTES

MALANDRO 1 — Aquêlê cara é doente, não é não?

MALANDRO 3 — Lá sei eu... Dêle quero é distância!

MALANDRO 1 — É esquiço o cara. Topel com êle, uma vez, numa festa. Meninote ainda, impõe respeito. Cara branca que nem lençol, uns ólo de máu!

MALANDRO 2 — Com êsse não quero graça, não!

MALANDRO 3 — Também quando pegarem êle, matam...

MALANDRO 1 — Êles que são brancos que se entenda.

(Negrao, carapinha esbranquiçando, cara marcada de rugas, surge na luz).

NEGRÃO — Ói.

MALANDRO 2 — Opa, Negrao... Senta aqui.

MALANDRO 1 — (Oferecendo a garrafa de cachaça) Vai um gole?

NEGRÃO — (Pega a garrafa. Bebe. Deixa de beber sem dizer nada).

MALANDRO 2 — Com'ê como vão os samba?

NEGRÃO — Mais arguns.

MALANDRO 2 — Bons?

NEGRÃO — Tu já viu samba meu sê ruim? Mulequinho de fralda canta meus samba.

MALANDRO 1 — Vendeu todos?

NEGRÃO — Que jeito? Umás prata sempre vem. Desgraçados êsses cara! Quêria tê metade do que ganhara às minhas custas!

MALANDRO 2 — Dá nêles, uê!

NEGRÃO — E pancada lá resolve? Deixa prá lá!

MALANDRO 3 — Mete uns aí...

MALANDRO 1 — Mete lá.

NEGRÃO — Deixa...

MALANDRO 2 — Canta prá nós aí...

NEGRÃO — Cantá prá que?

MALANDRO 2 — Pra alegrá a noite.

NEGRÃO — E alegria aqui tem vêz? Mas vamos lá. De quem canta Deus gosta. (Pausa, pega a caixa de fósforos e começa a baturar) Dos antigo...

MALANDRO 1 — Mete lá (Começa a baturar batendo com o pente na garrafa).

NEGRÃO — (Inspiradissimo)

Ninguém do meu morro esqueceu Malandro bamba que eu muito conheci Malandro triste cansado de vivê e sofrê O morro inteiro canta por ti.

Gimba, todo o morro te chorou Deixou a mulata prá gente consolá Deixou a mulata prá gente usá na hora "h" Sumiu da vida cansado de cansá.

Gimba, ôi, Gimba, oi Gimba, ai, ai.

Vestido de zinco ficou

O samba hoje é triste de soluço

Sem Gimba o morro acabou!

(Prolonga a última palavra. Silêncio (Apontando a garrafa) Passa prá cá.

MALANDRO 1 — (Passa-lhe a cachaça) Bonito! Vendido também?

NEGRÃO — Esse nunca moleque! Só com o meu nome! Esse só com o meu nome! Precisa respeitá... Vocês são moleques não conheceram o Gimba.

MALANDRO 2 — Ouvimo falá...

NEGRÃO — O nêgo tem história.

MALANDRO 3 — Tudo que diz é verdade, é?

NEGRÃO — Se é! E falta coisa, coisa que ninguém conta...

MALANDRO 1 — Conta prá nós!

NEGRÃO — Contá prá que?

(Ouve-se longinqua uma sirene que aumenta pouco a pouco para logo parar subitamente).

NEGRÃO — Tão aí êles.

MALANDRO 3 — Andam por aí que nem fera!

NEGRÃO — Inda agorinha, encontraram um tira morto. Hoje vai saí faisca.

MALANDRO 2 — Mataram um?

NEGRÃO — Apareceu morto.

MALANDRO 1 — Tiro?

NEGRÃO — Navalha.

MALANDRO 3 — Devia tá na cola de alguém...

MALANDRO 1 — Deve sê coisa do Tico...

NEGRÃO — (Levanta-se irritado) E.

MALANDRO 1 — Nada, uê! O home é se fô? E se fô?

MALANDRO 1 — Nada, uê! O home espêto mesmo...

NEGRÃO —

MALANDRO 2 —

NEGRÃO — ... é ... De nada! Voê ... nada!

MALANDRO 3 —

NEGRÃO —

MALANDRO 1 —

NEGRÃO — E daí? ... tando-se do grupo em direção ... da esquerda que deve estar mal iluminado).

MALANDRO 1 — Não mexe com êle, não

MALANDRO 2 — Parece gira!

MALANDRO 1 — É meio...

MALANDRO 3 — Todo cheio de mistério.

MALANDRO 1 — Deixa êle. Ficou assim de pancada.

MALANDRO 2 — T'esconjuro!

NEGRÃO — Vocês nunca ouviram falá de Guiô, não é? Vocês não sabé nada, nunca ouviram falá de Guiô. Pois morava aqui, nêsse barraco velho. Guiô. Nêga cem por cento, bôa de rebolado. Quería que vissem ela no ensaio da escola. GRANDE mulhé! Gostava de home, a Guiô, de home no duro! E se não fôsse home prá ela saia com navalhada na bunda. Morava aqui nêsse barraco velho... Grande mulhé! Mulhé prá Gimba.

(Vozes distantes).

— Por ali... Vocês vem comigo.

— Vai levando êsse pro carro! ..

(Os três malandros levantam-se assustados).

NEGRÃO — Glomá gostava de Gimba... Como gostava!

(Vozes aproximando-se).

— Não adianta fazê força, moleque!

— Ondina, corre!

NEGRÃO — Pois foi aqui...

MALANDRO 1 — Tão vindo prá cá...

NEGRÃO — Aqui mesmo onde a gente está!

MALANDRO 3 — É melhó a gente se arrancá!

Voz.

— Paradinho aí!

NEGRÃO — Aqui mesmo e nê nada mudô.

MALANDRO 1 — Tão pegando todo mundo!

MALANDRO 2 — É melhó se arrancá!

NEGRÃO — Ali... Olha lá! (Aponta para direita).

MALANDRO 3 — Vamo gente! (sobem correndo a trilha).

NEGRÃO — O barraco de Chica... Macumbeira, firme nos despacho. Exú em pes... Maluca? Vocês não sabe nada! Macumbeira agourenta, isso que é...

Vocês não viram nada... Diz que moleque virando home andava com a mulhé! Chica — Chica Maluca! Eles gritava — Chica morreu. Eu tava em cana quando morreu a Chica, (Percebe a garrafa de cachaça esquecida. Bebe (cantarola) Gimba, ôi Gimba / o morro inteiro canta por ti... Gimba, nêgo velho!... Guiô... Todo mundo enrabixado por Guiô.

VOZ.

— Por aqui pessoal!

(Negrão cobre o rosto com as mãos).

VOZ DE GIMBA — (Câmara de éco) Guiôoooo!

VOZ DE GUIÔ — Gimba!

VOZ DE TICO — GUIÔ! O GIMBA já chegou?

VOZ DE GIMBA — Êta, nêga bôa!

(Batucada aumenta).

VOZ DE GUIÔ — Tico!!!

NEGRÃO — (Tirando, as mãos do rosto) Tico... muleque!

SANTANA — (Aparecendo no alto da trilha) Parado aí!

NEGRÃO — Êpá! Vem não!

POLICIAL 1 — Tá prêso, Negrão!

NEGRÃO — (Avançando) Santana desgraçado!

SANTANA — Delegado Santana, seu vagabundo, delegado Santana. Leve êle é amigo do Tico!

(Negrão é facilmente dominado por outros dois policiais; tenta reagir. É levado a tapas para o alto da trilha).

NEGRÃO — Santana desgraçado. Santana desgraçado!

(Santana triunfante domina a favela com o olhar. Sai).

VOZ DE GIMBA — (Câmara de éco) Guiôoooo!

VOZ DE GUIÔ — Gimba!

VOZ DE TICO — Guiô, Gimba já chegou?

VOZ DE GUIÔ — Tico!

TICO — Gimba... Gimba... Gimba...

A luz apaga-se em resistência...

Fim do Prólogo

PRIMEIRO TEMPO

Ao abrir o pano, Guiô entra no barraco.
Tico, deitado, garôto magro, pálido, sua febril.
É ainda dia — 5 horas da tarde.

GUIÔ — (Entrando) Tico! Tu levantou de novo muleque!

TICO — Levantei não, Guiô.

GUIÔ — Sei que não! (encosta a palma da mão na testa do menino). Tá quente ainda. Tu tem dôr?

TICO — Pouca. Nas costa!

GUIÔ — E não vai levantá da cama que tu é capaz de morrer, tá?

TICO — Tá... Caçê Garibó?

GUIÔ — Na privada.

TICO — Diz prá êle vim prá cá.

GUIÔ — Deixa Garibó sossegado.

TICO — (Após breve pausa) Tô com sede. (Guiô vai até a tina pegar água para o menino. No alto do declive surgem Rui e Amélia. Ele a persegue rindo).

AMÉLIA — Tá frôxo, danado!

RUI — Te peço e é pió... Devolve o dinheiro!

AMÉLIA — Vem buscá, frôxão (continuam correndo).

TICO — (Bebendo) O pió são as pontadas na barriga.

GUIÔ — Não é nada, não. Logo passa.

(Amélia desce a trilha perseguida por Rui. Este consegue agarrá-fa. Torce-lhe o braço).

RUI — Dá o dinheiro!

AMÉLIA — Me larga estúpido!

RUI — O dinheiro!

AMÉLIA — Tá me quebrando o braço, porqueira!

RUI — Dá!

AMÉLIA — Me larga que eu dou! (Rui afrouxa o apertão) Toma, tá aqui.. Prá que é que eu preciso dessa mixaria...

RUI — (Pondo o dinheiro no bolso) Agora dá um beijo aqui no papai.

AMÉLIA — Tu é bêsta!

RUI — Vamo!

AMÉLIA — (Acaba sorrindo. Com dengo abraça Rui. Beijam-se).

GUIÔ — (Aparecendo na porta do barraco) Começaram cedo com agarração!

AMÉLIA — (Espevitadíssima) Aproveitando tempo!

RUI — Tudo bem, D. Guiomá?

GUIÔ — Como sempre.

AMÉLIA — Esse bestão aqui quase me quebra o braço, D. Guiomá!

GUIÔ — Se tu responde com beijo...

RUI — A papai aqui não há quem resista!

AMÉLIA — Enxirido!

GUIÔ — Home anda bem é com porrete...

RUI — Tou com pena do Garibó.

GUIÔ — Não se incomode que já levou as dêle...

AMÉLIA — E o Tico?

GUIÔ — Na mesma. Dá trabalho o peste!

AMÉLIA — Coitado! (Corre para o barraco. Guiomar senta-se num tijolo, apoiando-se nas duas mãos, corpo para tras — À Tico) Como vai meu malandrão?

TICO — Cum dô!

(Rui olha para Guiô que parece absorta olhando o horizonte).

AMÉLIA — Que é isso? Home não sente dô, e se aguenta firme.

TICO — Tô aguentando, num tô?

AMÉLIA — Assim tá bom. (Com um lenço enxuga a festa do menino)

RUI — Tá chateada D. Guiomá?

GUIÔ — Com que?

RUI — Sei lá, parece...

GUIÔ — Nada não. Calô.

TICO — (Tirando de sob o cobertor um punhado de bolinhas de gude e mostrando-as a Amélia). Vê.

AMÉLIA — Bonito.

TICO — Qué uma?

AMÉLIA — Eu num jogo.

TICO — Enfeite. Enfeite prá moça bonita...

AMÉLIA — Guarda elas, fala doce...

TICO — (Recolhe as bolinhas mais do que de presa). Dói.

RUI — (Que aparece na ponta do barraco) Cantando minha mulher, general?

TICO — Vai balô!

AMÉLIA — Tá bem quente!

RUI — Não tá de nada. E não precisa aguentá os branco!

TICO — (Um pouco irritado) Tô aguentando, num tô?!

AMÉLIA — Mais um dia e tu tá correndo pelo morro.

TICO — Guiô disse que quando eu ficá bom vou tê de começá a trabalhá.

RUI — Assim tu vira home de fato.
 TICO — Ela diz que Gabiró num ganha nem prá ele... Guió tá fula com Gabiró!
 AMÉLIA — O Rui arrumô emprego prá ele. Agora vai ficar mais fácil.
 TICO — Tu arrumô?
 RUI — Sim senhô!
 TICO — Pode se que ele fique contente. Guió disse que home que num ganha num pode tá mulhé... Guió já teve muito home bacana!
 AMÉLIA — E tu não acha o Garibó bacana? Ela gosta d'ele.
 TICO — Sei não... Ela disse que eu quando ficar bom vou tá que trabalhá!
 AMÉLIA — Então.
 TICO — É. Mas eu não gosto de trabalhá, não.
 RUI — Mas precisa.
 TICO — Precisa precisa, mas não é bom.
 RUI — A gente acaba gostando...
 TICO — Gabiró num gosta. Guió também não... Mãozinha vive muito bem sem trabalhá!
 RUI — Isso é o Mãozinha. Tu não! Tu tem de se virá!
 TICO — Mãozinha se vira muito bem...
 RUI — Mãozinha vai acabá mal!
 AMÉLIA — Não cria caso, Rui.
 RUI — Vai acaba mal mesmo!
 TICO — Mãozinha não é ruim, não.
 AMÉLIA — Ninguém tá falando isso... Mas trabalhá é melhor do que roubá!
 TICO — Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão!
 RUI — Tá muito saído, muleque!
 (Enquanto isso, Guió no terreiro levanta-se e caminha sem rumo certo. Sob a crista do declive. Enxuga o rosto com um lenço. Volta depois).
 GUIÓ — (Entrando no barraco) Tá brabo o caló hoje!
 AMÉLIA — Tico tava contando prá gente que vai começá a trabalhá.
 GUIÓ — Logo, logo. É só sai da cama. (Ao menino) E não vai fazê corpo mole, não. Febre passando tu vai direto procurá emprêgo.
 RUI — Eu arrumei emprêgo pro Garibó!
 GUIÓ — Benza Deus!
 RUI — Um edificio grande que tá prá começá a construí!
 GUIÓ — Tomara! Garibó também é um de nada. Se quisesse já tinha arrumado trabalho...
 AMÉLIA — Foi o pé.
 GUIÓ — O pé, o pé... Arranhãozinho de nada. Tá é de malandragem.

(Gritando) Garibó!... Morreu aí dentro home?
 TICO — Tô com séde!
 (Amélia vai buscar água)
 AMÉLIA — Tá aqui água. Bebe.
 RUI — Os remédio, arrumaram?
 GUIÓ — Alguns. Doente devia ir é prá hospital.
 TICO — Eu num quero ir prá hospital!
 GUIÓ — Num precisa te susto. Pensa que é fácil arrumá, é?
 (Garibó entra arrumando a camisa dentro das calças).
 GABIRÓ — Bóas!
 GUIÓ — (Sêca) O Rui arrumô o emprêgo.
 GABIRÓ — (Sem ânimo) No duro?
 RUI — Falei com o Jacinto, tá tudo certo...
 GABIRÓ — Bom. (Pausa) Quando começa?
 RUI — Daqui uns dois dias...
 GABIRÓ — Hum! (Pausa) Como é que tá indo muleque?
 TICO — Tô bom. Fica com a gente Gabiró.
 GABIRÓ — Vou até a venda. Daqui um pouco tô aqui.
 GUIÓ — Ache melhó tu vê logo esse negócio de emprêgo em vez de ficar fazendo hora na venda.
 GABIRÓ — Não te assuste Guió. Eu sei o que faço! (Pausa) Eu vou indo.
 RUI — E nós junto, o recado tá dado.
 GUIÓ — Brigado, viu Rui.
 RUI — De que, uá?
 AMÉLIA — Té logo, Tico. Logo a gente aparece.
 (Guió na porta do barraco olha os três se afastarem. Rui apóia a mão no ombro de Gabiró. Amélia, um pouco atrás, procura, com o pé, fazer com que Rui leve um tropeção).
 RUI — Mas fica quieta, mulhé!
 (Amélia ri e puxa os cabelos de Rui. Saem correndo. Gabiró passo lento atrás).
 TICO — Guió, deixa eu i lá prá fora?
 GUIÓ — Tu não se mexe daí! (Vai em direção ao quarto) Querendo água me chama. (Sal).
 (Tico senta-se na cama. Fica à escuta. Certificando-se de que ninguém o surpreenderá, pega as bolinhas de gude e cuidadosamente pula da cama. Pé ante pé vai para o terreiro. Joga bolinhas de gude, fungando, ajoelhado no chão. No alto do declive surge Chica Maluca que leva às costas um saco de estopa cheio de papel).
 CHICA — (Descendo até o terreiro) Já ficou bom?

TICO — (Assustadíssimo, recolhe as bólinhas de gude recuando).
 CHICA — Já sarou?
 TICO — (Sempre recuando) Tô melhó.
 CHICA — Andei fazendo umas rézas prá voeê, sabe?
 TICO — Brigado...
 CHICA — Vai ficá bom, sim... Bom de todo...
 TICO — Vou sim.
 CHICA — Chega aquí.
 TICO — Eu tenho que entrá, GUIO num qué que eu fique no vento.
 CHICA — Chega aqui perto, um pouco só.
 TICO — (recuando enquanto a velha se aproxima) Eu tenho que entrá...
 CHICA — Continua com mêdo da velha?
 (Ri) A velha não é doida, não. Deixa dizê...
 TICO — Eu vou entrá...
 CHICA — Deixa de sê bêbo...
 TICO — (recuando tropeça num tijolo e cai) Num chega perto...
 CHICA — Prá que tê mêdo?
 TICO — Guiô!
 CHICA — Pssiu! (Vai segurá-lo com bondade).
 TICO — (Desvencilhando-se pelo chão) Guiô... Guiô...
 CHICA — Tem nójo, é?
 TICO — Guiô!
 GUIO — (Aparecendo no interior do barraco) Só morrendo tu me dá paz!
 CHICA — (À Tico) Coisa ruim!
 TICO — (Gritando) Guiô?
 GUIO — Tu já saiu de novo, hé moleque? (no terreiro) Já prá dentro capeta. (Dá-lhe uns tapas) E não me sai mais daí que eu te maço de pancada.
 (Tico corre para a cama e se cobre até a cabeça com o cobertor)
 CHICA — Queria só agradá êle.
 GUIO — É bom não agradá, não. Tem quem agradê.
 CHICA — Quero bem ao menino.
 GUIO — Tá certo, mas é bom não chegá perto dêle...
 CHICA — O morro é de todos...
 GUIO — Esse é o meo terreiro...
 CHICA — Sempre com pança de grã-fina!
 GUIO — Prá não assustá o garôto, D. Chica, só prá não assustá o garôto.
 CHICA — E eu lá quero assustá alguém? Fiz umas rezas prá êle, rezas pro bem...
 GUIO — Precisava não, fique lá com seus despachos...
 CHICA — Tu é orgulhosa, hein, Guiô...
 GUIO — É melhó acabá por aqui. Porta da rua, serventia da casa!

CHICA — Orgulhosa e desgraçada!
 GUIO — Já falei!
 CHICA — Mas tu paga. Paga tudinho. A gente sempre paga!
 GUIO — Vamo saíndo!
 CHICA — (Afastando-se devagar) É o fogo, Guiô — o fogo sempre diz tudo. É só atentá no fogo... E tu vai pagá...
 GUIO — Num tou boa hoje... é bom não me apurrinhá!
 CHICA — Põe, põe desprezo, enxota a Chica... Num faz mal porque tu paga.
 GUIO — (Pegando pedras no chão. Grita) Vai andando, Chica, vai andando.
 CHICA — Maluca, sim! A velha aqui só tá vendo as coisa! (Ri) Tu se arrastando pelo barraco, andando le um lado prá outro, com bicho carpinteiro, com agonia que roi, que roi que roeu a velha... A velha queria mais, a velha queria vivê — então o fogo falou... O fogo mostrou prá velha (Olhando para o alto) n'ê, meu velho? O fogo não falou? — E o fogo vai te abrazá também, tu vai conhecê o fogo — e nunca mais vai enxotá a velha... E nunca mais vai enxotá ninguém, porque o fogo vai gritá...
 GUIO — (Correndo sobre a velha) Sai, velha louca!
 CHICA — O fogo berra o fogo grita!
 GUIO — Vai embora macumbeira do inferno!
 CHICA — Sou sim! Rezas pro bem e rezas pro mal... Quiz fazê bem, posso fazê mal — n'ê... meu velho, n'ê? Enxota, enxota a velha que o fogo tu não enxota!
 GUIO — (Em desespero começa a atirar pedras).
 CHICA — Pedreja que o fogo tu não pedreja! Pedreja! Atira, atira pedra, Grã-fina, orgulhosa, desgraçada! Tu vai vê, tu vai vê ño petróleo, o petróleo explode e o fogo fala, o fogo berra... (Sai gritando).
 GABIRÓ — (Aparecendo no alto do declive) Deixa ela, Guiô!
 CHICA — (fora de cena) Rezas pro bem, rezas pro mal...
 GUIO — Velha agourenta, devia tá no hospício.
 GABIRÓ — Deixa pra lá, essa velha é macumbeira...
 GUIO — Tôdo dia essa encheção.
 GABIRÓ — Deixa ela sossegada!
 GUIO — Dandô ordem agora!
 GABIRÓ — Já falei.
 GUIO — Sai moleque!
 GABIRÓ — Tu mora comigo num mora?
 GUIO — Tá prá nascê home que mande em mim!

- GABIRÓ — Já nasceu um prá te estragá a cara...
- GUIÓ — (Passando a mão na cicatriz que tem no rosto) O único macho que conheci...
- GABIRÓ — Se macho é usá navalha tu pode encontrá outro!
- GUIÓ — (Com energia) Deixa de papo. Tu viu o emprêgo?
- GABIRÓ — Tá tudo certo já, num tá?
- GUIÓ — Se tu não arrumá jeito de perdê esse também...
- GABIRÓ — Quando? quando foi que eu fugi de emprêgo?
- GUIÓ — Vem, vem de inocente, vem!
- GABIRÓ — Quando foi!?
- GUIÓ — Tu é vagabundo, Gabiró!
- GABIRÓ — Comida nunca te faltô!
- GUIÓ — Pedindo dinheiro emprestado em tudo quanto é canto!
- GABIRÓ — Mas vai se aguentando. Prá que ficá dêsse jeito?
- GUIÓ — E tu quer que eu viva de sorriso? Aguentando quieta esa encheção: implorando remédio pro Tico, sem nada prá vesti? Vou vivê rindo?
- GABIRÓ — Tu não nasceu rica.
- GUIÓ — Ah! meu velho, melhó meu tempo de rua. Mal, mal, tinha sempre meu quinhentão no bolso!
- GABIRÓ — Então volta prá lá! Vai, vai, vai prá rua! Ninguém tá te segurando?!
- GUIÓ — E sem pedí licença! Pode deixá que eu resolvendo, vô!
- GABIRÓ — E é melhó i mesmo.
- GUIÓ — Quando eu quisé. O barraco é meu... Home sem dinheiro num pode tê mulhé, Gabiró.
- GABIRÓ — E Gimba tinha? Tinha é navalha prá te marcá a cara!
- GUIÓ — Home como o Gimba não precisa tê dinheiro!
- GABIRÓ — Tu precisa é de pancada!
- GUIÓ — Escuta, moleque. Tu tava embebedado, vim contigo por caridade, prá não ouvi mais teus gemidos! Então aguenta a mão quietinho.
- GABIRÓ — (Após pequena pausa. Profundamente humilhado) Tu é ruim, Guió!
- GUIÓ — Ruim? Ruim, seu safado? Te sustentei dois meses, dando todo o meu carinho. Sustentava tu — seu vagabundo — e ao pobre Tico. Sustentava tu — safado — com o dinheiro que os home me dava. E tu vem falá de ruindade? Vira gente em vez de ficá babado por mulhé.
- GABIRÓ — Tu me arrespeita!
- GUIÓ — Te respeitá por que? Tu já não sabe vê mais as coisas. Tú é muleque, precisa aprendê muito. Tú viveu e vive as minhas custas. E nem desconfia que é cafetão!
- GABIRÓ — Cala bóca sua porca! (Esbofeteia Guió).
- (Tico senta-se na cama alarmado).
- GUIÓ — Ah! Na cara não! (Avança para Gabiró).
- GABIRÓ — Te mato, desgraçada!
- GUIÓ — Tá prá nescê home... Tá prá nascê home! (Agarra Gabiró).
- GABIRÓ — Te mato!
- (Guió domina fácilmente o franzino Gabiró. Dá-lhe sócos no rosto).
- GUIÓ — Tá pensando que eu sou o que, seu vagabundo?
- GABIRÓ — Eu faço uma desgraça, Guió!
- TICO — (Que foi até a fresta do barraco observar) Guió... Guió... Quero água!
- GUIÓ — Precisa crecê! Percisa crecê, muleque!
- TICO — Guió! Água!
- (Guió solta Gabiró que já não oferecia resistência. Enxuga a testa com o braço. Com passo firme entra no barraco e dá água a Tico. Gabiró passa a mão pelo rosto, o nariz sangra. Vai até a porta do barraco. Guió saindo empurra-o. Gabiró segura-o pelo braço. Guió solta-o bruscamente).
- GABIRÓ — (Em desespero) Prá que isso, Guió? Prá que?
- GUIÓ — Tu nunca mais avança prá mim!
- GABIRÓ — Guió, Guió, eu sei. Tu fez muito por mim... Eu abuzei até... Mas num fala daquele jeito!
- GUIÓ — (Afastando-se dêle) Vida bêsta!
- GABIRÓ — Guió, a gente sempre se deu bem... Prá que iso agora? Nunca neguei trabalho, tu sabe bem... A vida, Guió, às vêzes ela faz isso!
- GUIÓ — Me dá sossêgo!
- GABIRÓ — Eu gosto de você, mulhé... É demais, eu gosto demais. E é bom! O que eu pudé fazê eu faço, prá te dá conforto. Aguenta a mão um pouco Guió, um dia a gente consegue coisa melhó!
- GUIÓ — O!
- GABIRÓ — Consegue sim! Tudo vai melhorá! Esse emprêgo agora... já fiquei bom do pé, num tem mais galho...
- GUIÓ — O pé!
- GABIRÓ — Eu sei que sou meio criança, mas gosto que nem homem vivido! Guió... Guió... Vai dizê que num sou homem pr'ocê?
- GUIÓ — É sim, Gabiró, é sim (Querendo livrar-lse).
- GABIRÓ — Tu anda meio irritada, é a doença do Tico, mas a gente não pode desesperá!

GUIÓ — (intensa) Chega Gabiró (pausa longa) Sabe quanto pediram pro remédio do Tico, o tal tiro e queda? 300 páu.

GABIRÓ — É... Num dá!

GUIÓ — Num dá. (Pausa)

GABIRÓ — Amanhá vou até Niterói vê se encontro seu Orlando.

GUIÓ — É bom!

GABIRÓ — Diz que cura até câncer!

GUIÓ — Conversa!

GABIRÓ — Cura sim... Tinha um cara visinho de minha avó que tava com o nariz todo comido Seu Orlando foi lá. Pegou uma bacia com água limpa, limpa. Rezô umas duas horas seguidas. Quando nos olhamo prá água era aquela imundície. O cara tava bom, bom de todo.

GUIÓ — Procura êle!

GABIRÓ — Que é isso, Guió. Se anima!

GUIÓ — Tô suando óleo!

GABIRÓ — (Meio sorrindo, tocando o nariz) Tu é valente, hein?

GUIÓ — Fui sim!

GABIRÓ — Prá me acertá não é qualque um, não?

GUIÓ — (Com um débil sorriso) Tu tá mole, Gabiró!...

GABIRÓ — (Procurando fazer-lhe um carinho) Grande nega!

GUIÓ — (Desvencilhando-se) Deixa prá lá!

GABIRÓ — (Pica um instante indeciso) Tu vai ao ensalo da escola?

GUIÓ — Não.

GABIRÓ — Faz tempo que tu não vai!

GUIÓ — Tem o Tico prá cuidá.

GABIRÓ — Eu fico com êle. Vai lá! Ne-grão tava reclamando, tu nunca mais apareceu!

GUIÓ — Tenho vontade, não.

GABIRÓ — É bom prá distraí!

CARLÃO — (Surgindo na trilha) Salve!

GABIRÓ — Ôpa Carlão, vamo chegando.

GUIÓ — Quem é vivo sempre aparece!

CARLÃO — Que é isso? Nem faz três dias que tive aqui.

GUIÓ — (Com uma alegria súbita) Preci-sava vim todo o dia!

CARLÃO — Chi! Olha aí Gabiró. Eu fi-cava desconfiado.

GABIRÓ — Pois é!

CARLÃO — (Olhando atentamente para Gabiró) Que foi isso?

GABIRÓ — O que?

CARLÃO — No nariz?

GABIRÓ — Nada... o...

GUIÓ — Se esborrachô per aí, parece que não aprendeu a andá!

CARLÃO — Tá mole, companheiro!

GABIRÓ — O pé.

CARLÃO — Que pé, tu anda é abusando de pinga!

GABIRÓ — Té que nem!

CARLÃO — Mas não, hein! O Tico como é que vai!

GUIÓ — Vai.

VARLÃO — (Entra familiarmente no bar-raco).

TICO — (Que estivera a olhar pela fresta e se meteu apressadamente na cama) Oi. Como é que é?

CARLÃO — Como é que é pergunto eu, general? Quando é que vamo ficá na vertical?

TICO — Já podia. Guió não deixa!

GUIÓ — Todo cheio de dôr, aí. Vai ficá na cama até sará. Depois trabalhá!

CARLÃO — Já vai pegá no batente?

GABIRÓ — É preciso. (A Tico) Não é, muleque?

TICO — (Desanimado) É.

CARLÃO — Trabalho é bom. (Tirando vidros de remédio do bolso) Consegui umas amostras gratis com o Luciano. Ele diz que isso vai ajudar.

GABIRÓ — Obrigado, bichão!

CARLÃO — Tem de agradecê prá êle, né!

TICO — Tem injeção?

CARLÃO — Ele disse que se precisá tam-bém arruma.

TICO — Precisa não. Isso que tá aí já dá!

GUIÓ — Medrosão! Precisava é arranjá médico. Gabiró vai procurá seu Orlando amanhã.

CARLÃO — Que seu Orlando, o que. Reza nunca curou infecção!

GABIRÓ — Mas não, hein!

CARLÃO — Precisa é de médico mesmo. Vou vê se acho um...

GUIÓ — (Abraçando-o) Tu é de ouro Carlão...

GABIRÓ — Mas senta aí...

CARLÃO — Vou me encostá mesmo. (Senta) E emprêgo como é que é?

GABIRÓ — O Rui arrumô.

CARLÃO — Bom! Encontrei êle agori-nha... Sempre nas agarração com a Amélia!

GUIÓ — Coisa de moço!

CARLÃO — Ele anda meio de malandra-gem não anda não?

GABIRÓ — Não! Resolveu andá na linha agora...

CARLÃO — Bom garôto.

GABIRÓ — E a fábrica?

CARLÃO — Na mesma. Vieram com ga-lho prá meu lado. Taquel advogado em cima. Tá correndo a coisa no Ministério.

- GUIÓ — Adianta nada.
- CARLÃO — Resolve não resolve mesmo, mas aporrinha.
- GABIRÓ — E o bacuri, por que não trouxe!
- CARLÃO — Deixa êle! Tá gozado prá burro. Já diz — “vô” — “pá” — “mã”. Tá um gôzo, tem meu gênio o danado...
- GABIRÓ — E nessa idade o muleque lá tem gênio?
- CARLÃO — E não?... Ah! Mas que dá orgulho dá. O genro tá que tá bobo... Ele agora é líder na fábrica, sabia, não é?
- GUIÓ — Êle sempre teve cabeça...
- CARLÃO — Mas o Didinho tá um colosso. A mãe é aquêle dengo que não tem fim: “E não descobre êle, num segura êle assim, num segura êle assado”. Tá que nem filho de capitalista.
- GABIRÓ — Assim é que é bom.
- GUIÓ — E êsse batizado, sai ou não sai?
- CARLÃO — O pai não quer de jeito nenhum. “Deixa crescer o bichinho que êle mesmo resolve” — êle diz. Quai! Mas nós não. Eu e Angela tamô dando duro. E parece que o homem tá se aquietando.
- GUIÓ — E precisa batizá mesmo. Deus me livre e guarde, imagine se morre pagão!
- CARLÃO — Pois é...
- TICO — Eu batizei Guiô?
- GUIÓ — Batizô. Mas acho que não valeu!
- CARLÃO — Por que, pái?
- GUIÓ — Com padre Túlio? Batizado não vale. Eta sem vergonha!
- CARLÃO — Pecado é dêle, o sacramento do batismo não sofre.
- GABIRÓ — Tu devia vesti batina, Carlão. Vamo lá — faz um sermão aí!
- CARLÃO — Olha que eu fazia mesmo: Subia lá no palanquinho e berrava: “Turma êsse mundo tá pôdre. Vamo dá um jeito nisso. Vamo pegá uma meia dúzia aí e dá uma coça nêles, e com a graça de Deus.
- GUIÓ — Ah! Deixa prá lá!
- TICO — Guiô, me batiza de novo.
- GABIRÓ — Tu já tá muito grande muleque!
- CARLÃO — Pode crismá...
- GUIÓ — Pode é ficá bom dessa febre e partí pra arranjá galta. Os dois trabalhando talvez melhore.
- (Na trilha surge Mãozinha, agitadíssimo).
- MÃOZINHA — Gente! Ei gente! Gente! (Gabiró, Guiô e Carlão saem do barraco atraídos pelos gritos).
- MÃOZINHA — Gente!
- GUIÓ — Que foi, vigarista!
- MÃOZINHA — Voltou! Voltou!... O Gimba... O Gimba voltou!
- (Mãozinha continua arfando. Os três em silêncio olham imóveis).
- GUIÓ — O que?
- MÃOZINHA — Tô falando!... O GIMBA voltou. Já tá subindo o morro e deve vim direto prá cá...
- GABIRÓ — Deixa de gozação, Mãozinha.
- MÃOZINHA — Sério, uái. Tá com medo que êle volte?
- GABIRÓ — Num sei porque.
- CARLÃO — Policia atrás, na certa.
- MÃOZINHA — Ah! Isso deve tê mesmo. Tão sêco atrás do home.
- GUIÓ — Então é melhó tu í sumindo. Eles querem te pegá também. Gimba tem peito prá enfretá. Tu não.
- MÃOZINHA — Junto de Gimba enfrento qualqué um. Vou avisá o resto do pessoá. Se êle ficá aqui nós vem recebê êle. Vou trazê a turma da escola!
- GABIRÓ — Pera aí, vamo vê isso direito...
- MÃOZINHA — Que direito nem meio direito. O Gimba voltou, rapaz! (Sai correndo) Gente, ôi Gente! O Gimba voltou (Pausa).
- GABIRÓ — (Olha firme para Guiô que dá as costas para êle e frente para o público, fisionomia petrificada) Vou vê se é fato. Se êle voltou mesmo, vai tê que sumí. Aqui pegam êle logo.
- GUIÓ — Tá mesmo preocupado com a saúde de Gimba, né Gabiró?
- GABIRÓ — E porque não?
- GUIÓ — Vai vê, vai!
- GABIRÓ — Já volto. (Sai correndo pela trilha).
- TICO — (Que durante os gritos de Mãozinha deixara a cama e fôra até a fresta espiar. Aparecendo na porta) Gimba voltou mesmo, Guiô!
- GUIÓ — (Volta-se e vai até o menino em silêncio).
- TICO — Eu já vou prá cama... Só vim sabê se Gimba voltou.
- GUIÓ — (Acariciando a cabeça do menino) Parece que voltou sim. Tu vai vê de novo o Gimba!...
- TICO — Eu pensei que nunca mais ia vê êle...
- GUIÓ — Vai prá dentro, vai. (Tico entra aos pulos).
- CARLÃO — (Depois de pausa) Quem diria, Gimba voltá...
- GUIÓ — Um dia tinha que acontecê.
- CARLÃO — Você vai deixá êle ficá aqui?
- GUIÓ — Porque não? Aqui todo mundo gosta de Gimba. Tico é louco por êle. Gimba é tudo aquilo que êle gostaria de sê: macho no

GIMBA, PRESIDENTE DOS VALENTES

duro, valente, bonito — Home prá qualque mulhé...

CARLÃO — Home prá Guiomá.

GUIÓ — Sim senhô, homem prá Gulomá. (Passando a mão na cicatriz) Tá vendo? Bom no carinho e durão no castigo. Enganei êle. me estragô a cara. Papel de home.

CARLÃO — É homem no duro, sim. Talvez valente demais.

GUIÓ — Talvez.

CARLÃO — E Gabiró?

GUIÓ — Que é que tem Gabiró?

CARLÃO — Tu sabe bem. Tu ainda, gosta de Gimba.

GUIÓ — Nunca deixei de gostá, nem fiz segredo prá ninguém. Nem prá Gabiró.

CARLÃO — Por isso mesmo. Ele tá numa situação bem chata.

GUIÓ — GIMBA vindo é por pouco tempo. Não vai dá nem prá matá saudade.

CARLÃO — Gabiró não vai gostá!

GUIÓ — Problema dêle, Carlão.

CARLÃO — (Depois de pausa) Guiô, posso te fazê um pedido?

GUIÓ — Diz.

CARLÃO — Tu sabe que não é de hoje que conheço vocês — Gimba eu conheço desde muleque, Gabiró eu vi de calça curta. Já te dei muito conselho, Guiô. Tu sabe que pode me escutá. Evita confusão, Guiô. Gimba é violento, Gabiró é quieto mas estoura. Evita confusão!

GUIÓ — E você pensa que eu quero bôlo? Quero é vê o Gimba, só vê o Gimba. O resto Deus é quem sabe...

CARLÃO — Pió coisa é esperá como certo o que é difícil de acontecê! Políça de três estado estão caçando o Gimba. Tu não deve tê ilusão. Eles vem direto prá cá...

GUIÓ — Minha idade de ilusão já passou.

CARLÃO — Então fala com êle assim que chegá! Ele tá subindo o morro de louco, Guiô. Logo vai sai barulho e é difícil êle escapá. Fala com êle. Homem costuma ouvi mulhé. Manda êle sumi.

GUIÓ — Êle é escolado, sabe o que faz.

CARLÃO — Sabe não, Guiô. Êle veio de louco que é.

GUIÓ — Santo dêle é forte.

CARLÃO — Tomara.

GUIÓ — Será que êle veio mesmo?

CARLÃO — (Meio sorrindo) Parece, não é?

GUIÓ — Chega me dá uns arrepio... Não fiquei com êle de bôba, de bôba que eu sou... (Amélia e Rui chegam correndo no alto do declive).

AMÉLIA — (Gritando) Guiô... Gimba tá subindo o morro!

CARLÃO — Veio sim.

RUI — Cara louco. Já deve tá cheio de tira aí embaixo.

GUIÓ — Tô ficando mole, Carlão... Tô com medo.

(Ouvem-se rojões).

AMÉLIA — Ouve só! Tão soltando fogos.

RUI — É o estoque do Cândido.

CARLÃO — Parece chegada de presidente!

AMÉLIA — (Dando pulos) Presidente dos Valentés!

RUI — Tá muito indócil, dona!

AMÉLIA — Deixa de bobage que Gimba me carregô no colo.

RUI — Por isso não. Guiomá também podia ter carregado Gabiró no colo!

GUIÓ — Te lasco a mão. (Rui rí)

CARLÃO — Arranjei uns três rádio prá tu consertá, Rui.

RUI — Bôa! Manda prá cá os endereço.

AMÉLIA — E vé se com o dinheiro me compra aquele broche.

RUI — Ê! Interesseira.

GUIÓ — Êle deve vim direto prá cá... (Sorri sem motivo e apressada entra no baraco).

RUI — Tá nervosa a Guiô!

CARLÃO — Tou fazendo nada.

AMÉLIA — Gabiró deve tá fulo!

CARLÃO — Vou avisando prós dois: é melho não tacá fogo em palha.

RUI — É sim, tá falando demais Amélia.

AMÉLIA — Ih! (Sobe a trilha emburrada, Rui segue-a. Carlão no terreiro acende um cigarro).

TICO — (À Guiô) Será que vem mesmo?

GUIÓ — Tá vindo.

TICO — No duro que tava com saudade dêle.

GUIÓ — Agora tu mata as saudade. Pena tu tá doente!

TICO — Acho que melhoirei, posso levantar?

GUIÓ — Não senhô. Fica bonzinho aí.

TICO — Só pró Gimba não fica chateado.

GUIÓ — Êle vai ficá chateado se tu tivê doente e de pé.

TICO — Bobagem, Guiô!

GUIÓ — Num cria caso, Tico.

(Pausa).

TICO — Tu se fêz bonita prá êle, é?

GUIÓ — Prá todo mundo.

TICO — Ah! Deixa disso.

GUIÓ — Tá muito saliente, moleque. (Sai).

(À Carlão) Vai esperá êle?

CARLÃO — Vô: quero vê aquela cara.

GUIO — Tá demorando, não?

CARLÃO — Calma, mulhé!

GUIO — Quase três anos!

CARLÃO — Daqui a pouco tá aqui. Vem subindo devagar. Abraça um, abraça outro; toma pinga aqui, toma pinga ali. Daqui um bocadinho tá qui.

GUIO — Será que encontrô com Gabiró?

CARLÃO — Pode sê.

GUIO — Que dá nervoso, dá.

AMÉLIA — É vem vindo! É vem vindo! (Amélia e Rui aparecem na trilha).

AMÉLIA — Evem vindo! Evem vindo!

GUIO — Calma, ué, precisa gritá!

AMÉLIA — Olha quem fala!

RUI — Tá com Gabiró!

GUIO — Conversando!

RUI — Sei lá eu?

GUIO — Ô agonia!!

CARLÃO — Parecê criança, Guiô.

GUIO — Eu sabia que êle voltava, sabia!

GIMBA — (Aparecendo nō alto da trilha).

Êta nega, bôa!

TODOS — Ôpa!

CARLÃO — Tú é louco mesmo, heim, vagabundo!

GIMBA — A vida é prá se vivê, vê os amigo. Deixa a tiralada corrê. Então, como é que é?

GUIO — Desce home.

GIMBA — Viram o Gabiró? Tá com jeito de home agora. Vamo decendo, vamo decendo... (Passa por Amélia que o segura pelo braço).

AMÉLIA — Dormiu comigo?

GIMBA — (Parando) Infeizmente não, bichinha! (A Rui) Me adisculpe, heim! (Agarrando Amélia) Dá um abraço cabeludá!

(Passando a mão na cabeça de Rui) Olha só essa cara, olha só. Muleque, muleque e agora dêsse tamanho! E tu Carlão do peito! Palavra, saudade bateu! (PAUSA) E agora essa nega bôa! Como é que é? Dá um abraço ou não dá?

GUIO — Dô. (Abraçam-se. Guiô chora).

GIMBA — Chi! Ficando velha amoleceu. Deixa de choro. Cadê, Cadê a navalha!

GUIO — Larguei disso.

GIMBA — Bom. Navalha é prá home. Arma de mulhé é cama, legal? Sim, sinhô! Palavra, não mudou nada.

TICO — (Que estivera observando pela fresta, não mais resiste e atira-sê para fora) Gimba! Gimba!

GIMBA — (Faz um sinal como para imobilizar os outros) Não!... Não vai me dizê que é o tiquinho! (Vai até o menino) Êta bichãozão. Tu cresceu vagabundo. (Abraça-o levand-

tando-o do chão) Como é que é, tá grande!

TICO — Tu tá igual!

GIMBA — Igual nada, mais escolado!

TICO — Tú matou muita gente!

GIMBA — Quem mata, é Deus! Tú tá quente bichinho.

TICO — Meio doente.

GIMBA — (Levando-o para o barraco) Guiô êsse menino tá com febre. Precisa cuidá... (Guiô o segue até o bararco; os outros ficam em volta).

GUIO — Tamo cuidando.

GIMBA — Qui tamo cuidando! Precisa chamá médico!

GUIO — Já chamamo.

GIMBA — Mas continua a fabre, precisa chamá de novo.

GARIBÓ — Tamo vendo isso.

GIMBA — Que tamo vendo! Pode deixá, Garotão, amanhã eu trago um nem que seja a tapa. (Tira um revólver do bolso e coloca-o na gaveta) Pode deixá por minha conta bichão! (A GUIO) Dá mais um abraço nega bôa...

AMÉLIA — Gabiró vai enciumá!

(PAUSA).

GIMBA — Como é que é?

AMÉLIA — (Sem jeito diante dos olhares de todos) Gabiró vai ficá com ciume!

GIMBA — Qué dizê quê GUIOMÁ, GABIRÓ... Legal! Tu foi mulhé dêle?

GUIO — Só.

GIMBA — Tu foi?... Legal! Tu num dorme de botina, heim, Gabiró?

GABIRÓ — Pois é, amô, tu sabe...

GIMBA — Sei, sei, Legal, muito legal!

GABIRÓ — Tu não quer se lavá, tá suado.

GIMBA — Boa, boa. Tô fedendo! (Os dois saem)

TICO — Cara grande!

GUIO — Não mudô nada.

CARLÃO — Sempre alegre o danado.

AMÉLIA — Os dois ficaram amigo.

GUIO — Se conhecem não é de hoje. Por que num ia ficá?

RUI — Vou avisá a turma. Tu me espera aqui.

AMÉLIA — Volta logo.

RUI — Êta grudenta.

AMÉLIA — Se não quise, não precisa voltá!

CARLÃO — Acho bem vocês dois casá logo! (Rui sai).

(Enquanto isso todos se sentaram como puderam dentro do barraco. Gimba volta com Gabiró, enxugando-se com a camisa que vestia, peito nú).

GIMBA — Tava precisando de uma agulha!... Foi duro chegá até aqui. Na estação

invocaram comigo, foi um custo prá escapá.

CARLÃO — Como é, já cansô dessa vida?

GIMBA — Um pouco sim. Vive correndo. Agora tá assim — tudo quanto é roupo, morte — culpado é o Gimba.

CARLÃO — Chegou a hora de descansá de fato, num chegou?

GIMBA — Olha só. Já tava demorando. Tu não perde essa mania de fazê sermão, rapaz?

CARLÃO — Só tô falando que tu precisa descansá.

GIMBA — (Apontando Carlão) Esse aí é um grande cara, mas tem a mania chata de fazê sermão. Tu sabe que em mim não gruda!

GUIÓ — Onde é que tu tem andado, quase três anos...

GIMBA — Um pouco em cada canto. Conheci uns caras bem legais, gente bamba. Peguei cana em São Paulo...

GABIRÓ — É?

GIMBA — O que é cana em São Paulo? É entrá e sai pelo esgôto. Me arranquei e tô por aí.

AMÉLIA — Políça atrás.

GIMBA — Sempre.

GUIÓ — Tu aqui tá em perigo, Gimba.

GIMBA — Por causa de que?

GUIÓ — Eles cercam o morro e te pegam.

GIMBA — Pega o que! o nego aqui é respeitado... E depois vou me arrancá logo. Vou prá longe! (T) Gabiró me empresta um trêco prá vesti.

GABIRÓ — Num sei se vai cabê.

GIMBA — Dá-se um jeito. Arruma. (Gabiró sai)

TICO — Quantos tu matô?

GUIÓ — Cala essa boca, Tico.

GIMBA — Deixa perguntá. Conhecê a vida. Cinco, matá mesmo cinco. Mas nunca à traição, e nem prá roubá.

TICO — E mulhé, tu teve muita?

GIMBA — Oi delegado. Tá ficando home!

GUIÓ — Então num teve?

GIMBA — E não é prá tê?

AMÉLIA — Deve ter tido uma porção!...

GIMBA — Ela implora, que tu quer que eu faça? (Riem).

GABIRÓ — (Entrando) Vê se serve êsse paletó de pijama.

AMÉLIA — Isso prá Gimba é lenço, Gabiró!

GIMBA — Dá-se um jeito. (Enfia o paletó com dificuldade, rasga-o) Tava velho mesmo, n'ê? Foi...

GABIRÓ — Num tem importância.

CARLÃO — Mas qual é teu destino, Gimba?

GIMBA — Isso é segrêdo.

CARLÃO — Tá com' mêdo que alguém cagoete ou vai aquietá o côrpo?

GIMBA — Que é que tu acha?

TICO — Aquieta, não!

GIMBA — Tá brabo o bichinho..

AMÉLIA — Tá é muito saído.

GIMBA — Vida de home não é em casa. Não é Tico?

CARLÃO — Vai pegá no batente assim que ficá bom.

GIMBA — No duro?

TICO — Pois é, tu acha certo?

GIMBA — É a vida, uái. Trabalhá, ganhá pão.

TICO — Ah! Não, Gimba, essa não!

GIMBA — E por que não? Malandragem é bom prá um cara que nem eu. Prá tu não. Tu é criança. Precisa aprendê muita coisa e trabalhando se aprende. Eu mesmo já trabalhei uma porção de tempo, não é Carlão?

CARLÃO — Trabalhou duro.

GIMBA — Eu fui companheiro de fábrica do Carlão.

TICO — Depois encheu, não é?

GIMBA — Depois aconteceu uma porção de coisa.

TICO — Pois é. Eu já me enchi!

GUIÓ — Tu tá me enchendo. Fica quieto aí!

GIMBA — Tu é de morte, garoto! (Mãozinha surge no alto da trilha e vai correndo para o bararco. Escurece).

MÃOZINHA — (Entra. Traz duas garrafas de pinga). Então mestre, como é que vai?

GIMBA — Ei vigarista de araque. Num tá em cana ainda não?

MÃOZINHA — Que cana! Papai é vivo!... Trouxe uma pinga.

GIMBA — É bom!

MÃOZINHA — O resto do pessoal vem aqui, vem a turma da escola... Hoje é festa!

GUIÓ — Vão fazê banzé prá chamá polícia!

GIMBA — Deixa vim! Tô com meu 32 aí.

MÃOZINHA — Boa! Vou procurá uns amigo legal e já venho, tá?

GIMBA — Vai, fuinha! (Pausa) É bom prepará fogo lá fora!

GABIRÓ — Eu faço!

AMÉLIA — Eu ajudo. (Vão para fora, onde começam a preparar a fogueira)

GIMBA — (Servindo pinga a Carlão) É bom dá comêço. (Na porta) Qué pinga, Gabiró?

GABIRÓ — Não, agora não, obrigado.

GIMBA — (A Guió) Então tu e Gabiró... (Arrebenta numa risada) Essa eu não esperava! Tu estragou o gôsto, hein Guió!

- GUIÓ — Sai prá lá!
- CARLÃO — (Interrompendo propositalmente) Sabe que eu já sou avô?
- GIMBA — Não! Sério?
- CARLÃO — Uái, tempo corre, não é?
- GIMBA — Salve, salve! Então, à saúde do neto (Derama no chão para o santo e bebem).
- CARLÃO — Falando sério, Gimba, num vai dá bólo essa tua calma não?
- GIMBA — Que bólo nada!
- CARLÃO — Eles tão te marcando, vão te encontrá!
- GIMBA — Me aranco antes.
- GUIÓ — Vê lá, Gimba!
- GIMBA — Eu sei o que faço. Prá que se preocupá!
- CARLÃO — Se quisé eu posso ficá com o Tico lá em casa.
- TICO — Essa não, Carlão!
- GIMBA — Deixa o garoto aqui. Não acontece nada, não. Daqui a pouco vou pensá que tou demais aqui!
- GUIÓ — Deixa de besteira.
- GIMBA — Num precisa te mêdo. Já escapei de bem pió. (Vai em direção à porta).
- CARLÃO — (Indo até ele) Tu voltou por que?
- GIMBA — Saudade, uái, saudade.
- CARLÃO — Deixa disso!
- GIMBA — Não posso senti?
- CARLÃO — Tu tá com jeito de quem resolveu coisa.
- GIMBA — E sabe lá?
- CARLÃO — Coisa boa?
- GIMBA — Pode sê. (T) Vamo prá perto do fogo. (sai) (Carlão fita Guió que, imóvel, olha fixo para um ponto indeterminado. Saem os dois)
- TICO — (Retendo Guió) Tendo fogo, posso sai também?
- GUIÓ — Fica ai e não se mexe. (Sai)
- AMÉLIA — (À Gimba) Hoje vai até às tanta! Festa é festa!
- GIMBA — É. (Tirando um cigarro) Tem fogo Gabiró?
- GABIRÓ — (Afobando-se tira a caixa de fósforo, não consegue riscar. Dá a caixa a Gimba) Tá aqui.
- GIMBA — Tão tudo meio espantado! Cheguei e é só.
- GABIRÓ — Ninguém esperava e... e é perigoso!
- CARLÃO — Se é!
- GIMBA — Perigo é bom, faz o homem.
- GUIÓ — Se eu sobesse, preparava arroz doce.
- GIMBA — (Abraçando Guió) Deu mais gosto a surpresa. (Leva Guió para longe dos outros) Sabe, nêga, senti falta.
- (Gabiró impacienta-se e vai até eles)
- GUIÓ — No duro?
- GIMBA — Tô dizendo.
- GABIRÓ — A turma vai fazê banzé hoje aqui.
- GUIÓ — (Sem ouvir Gabiró) Eu também.
- GIMBA — Nós tá é amolecendo!
- GUIÓ — É bom...
- GABIRÓ — Acho bom avisá pro pessoal num fazê muito barulho...
- GIMBA — (Sem desfitar Guió) Vai cuidá do fogo, vai Gabiró.
- (Gabiró esboça uma reação. Depois, vagorosamente, se afasta dos dois que continuam a fitar-se)
- AMÉLIA — (Mexendo na fogueira) Filha da mãe, me queimou!
- GABIRÓ — Parece besta. Não mexe no que não sabe!
- AMÉLIA — Tô aticando o fogo, ora!
- GABIRÓ — (Empurrando-a com brutalidade) Sai prá lá!
- AMÉLIA — Chi! Tá nervoso, é?
- GABIRÓ — Não me azucrina, não!
- AMÉLIA — Dôr de corno, Gabiró?
- GABIRÓ — Te tampo a boca!
- AMÉLIA — (Pegando um pedaço de lenha) Tá prá vim home!
- CARLÃO — Épa, que é isso?
- GIMBA — Vamo deixá de onda. Larga isso Amélia. Hoje é festa.
- AMÉLIA — Tá aí todo nervozinho!
- GABIRÓ — É melhó pará!
- GIMBA — Já parô, já parô. Tu ta meio esquisito mesmo, Gabiró!
- GABIRÓ — (Esboça um gesto de protesto) Parece que tô!
- (Carlão segura-o pelo braço e vão os dois para o cimo do declive. Amélia olha prá Gabiró e faz um gesto de desprezo. Irritada corre para o barraco. Tico ao ouvir a discussão deve ter ido espiar na fresta, voltando logo para a cama. GIMBA vai para junto de Gulô que se mantivera muda e pousa-lhe a mão no ombro).
- TICO — (À Amélia) Num sei porque Guió não me deixa sai, tem fogo!
- AMÉLIA — (Zangada) Serêno faz mal.
- TICO — Tu brigou com Gabiró?
- AMÉLIA — É um besta! (Pega um Gibi e senta-se no chão. Tico da cama procura acompanhar os quadrinhos). (Pausa)
- GIMBA — (Dá a última tragada e joga fora o cigarro) Tu tá diferente Guió!
- GUIÓ — Tou sim. Sou mais de nada.

GIMBA — Que que eu te diga? (Pausa)
Eu também.

GUIÓ — O que?

GIMBA — Mudei. Acho que prá pió. Valentia tá murchando. Papai aqui pregô. E baixando o prégo é melhó sumi. A gente num dá mais conta.

GUIÓ — De que?

GIMBA — De fugi.

GUIÓ — Tu pode aquetá tua vida!

GIMBA — Sabe Guió... tô querendo.

GUIÓ — No duro?

GIMBA — (Faz que sim com a cabeça) O que me azucrina é que o mais é prosa.

GIMBA — Se eu fôsse o mesmo Gimba, o Gimba que se diz, dava sossêgo, dava... vontade de sé Gimba. Mas é prosa, viu Guió, prosa. Me fizeram. A gente vai aproveitando, fama é coisa gostosa, mas no fundo, cá no umbigo, ah!

GUIÓ — E os estragos que tu fêz?

GIMBA — É. Jogado fora num tô não, mas não é como eles diz!

GUIÓ — Que é que tu queria mais?

GIMBA — Séi lá, fazê gritá! Acabá com festa de grã-flno, derrubá bandeja de garção; agarrá uns delegado e botá prá dançá nú na porta do Municipal... (Guió ri) Tá lindo? Tu sabe o que Lampeão fazia? Entrava em festa dos cheirosos e mandava ficá tudo nú. Home e mulhé. Ai tocava música e tinha que dansá. Home que se manifestasse tava capado!

GUIÓ — Nossa!

GIMBA — Nossa o que? Machão é que êle era. Já imaginô? Eu subindo o morro, bolso cheio de dinheiro. Um montão. "Toma gente que tudo é nosso!" — Tu fa andá que nêrn rainha! Podia fazê operação prá ajeitá o corte...

GUIÓ — Deixa o corte. (Sorri triste) É recordação.

GIMBA — Épa! Tá me cantando, nêga?

GUIÓ — Tu tá no peito.

GIMBA — Bom ouvi dizê... (Espia pela porta do barraco) Como é, molecão?

TICO — A turma tá demorando!

GIMBA — Logo tão aí (A Amélia) Desamarrá a cara môça, já deu nó!

AMÉLIA — Deixa eu lê!

(Gimba ri e volta para Guió)

GUIÓ — Isso aqui tá enchendo, Gimba.

GIMBA — O que?

GUIÓ — Tudo. Sabe, depois que tu foi... fui prá zona!

GIMBA — Prá que, mulhé?

GUIÓ — Sei lá... Larguei logo, não é para mim. Precisa tê peito, sabe?

GIMBA — Vamo lá! Cadê, cadê a Guió de

acabá com os baile?

GUIÓ — Ficou por lá

GIMBA — Larga de dizê bobage! Sabe, encontrei em São Paulo aquêle amigo de Mato-Grosso...

GUIÓ — Qual?

GIMBA — O que me ajudô a pirá. Encontrei de novo êle. E de novo que me ajudá, foi com minha valentia. E êle prometeu... (Começam a se ouvir vozes no declive) No duro, Guió, êle prometeu...

VOZES — Salve mestre Gimba!

NEGRÃO — O samba hoje é em homenagem!

(Gritos, vivas, regozijo pela volta de Gimba)

MÃOZINHA — Tá tôda a turma aqui, Gimba.

GIMBA — Tô vendo. Um abração prá tudo vocês!

(Gimba é abraçado por alguns. Estão os componentes da escola, homens e mulheres, alguns malandros. Uns vinte ao todo. Enquanto Gimba é cumprimentado, uns começam a batucar nos tamborins, outros refestelam-se junto ao fogo esticando o couro do instrumento. Amélia sai apressada ao ouvir as vozes. Tico vai até a porta).

MÃOZINHA — E a cachaça, como é?

GIMBA — (As mulheres) Vão servindo...

GABIRÓ — (Que descera com Carlão um pouco afastado dos demais) Isso, vão servindo!

MÃOZINHA — Que alegria é essa, Gabiró? Chegou o dono, e tu ri?

HOMEM 1 — Fecha a boca, nêgo atôa!

MÃOZINHA — É a verdade, ô xente!

HOMEM 2 — Guenta a mão.

GIMBA — Ninguém entra no barraco, o Tico tá doente!

RUI — Quem mexê com o xodó do Gimba, apanha!

GIMBA — Vamo deixá o garoto descansá...

(Tico desanimado volta para a cama, xingando inaudivelmente)

NEGRÃO — Pessoa, atenção! (Faz silêncio) Vamo dá início.

(Apita dirigindo a escola seguem-se os toques da batucada tradicional, quando irrompe o samba)

"Salve, Salve general!

Teu retorno enche o morro de alegria!

Hoje prá nós é carnaval!

Chegou o mestre da valentia!

Presidente dos valente!

AMÉLIA — O verso é meu!

CÓRO:

Lá — lá — lá — lá — lá — lá — lá — lá

lá — lá — lá — lá — lá — lá — lá — lá

lá — lá — lá — Oi, salve o Gimba:

Lá — lá — ... etc...

NEGRÃO — Volta!

CÔRO — (Bis segunda parte)

GIMBA — Legal!

NEGRÃO — Prá quem merece! mais uma!

(Volta o samba desde o início. Bebe-se cachaça utilizando canecas como também passando as garrafas de mão em mão... Ao fim do samba fica só batucada cada vez mais frenética. Homens e mulheres começam a sambar. Nessas evoluções devem se destacar Gimba e Guiô. Junto ao barraco, afastado, emburrado, desprezado da forma mais convencional, Gabiró. Bate com a caneca na madeira do barraco, fora do ritmo. Em bloco, muito juntos, os outros dançarinos. Turma da batucada mais ao fundo. Modifica-se o ritmo, passa a toque de bréque com poucos instrumentos, que vai crescendo ao poucos. Gimba e Guiô sambando não tiram os olhos um do outro. Gabiró fita os dois, mal conseguindo se conter. Em cada breque uma fala).

MAOZINHA — Perdendo a esportiva Gabiró?

(BATUQUE. BREQUE)

Mal 1 **HOMEM 1** — Tão te passando prá trás, Gabiró!

(Vai crescendo o ritmo. BATUQUE. BREQUE)

Mal 3 **HOMEM 2** — Eu num guentava, Gabiró!

Mal 1 **HOMEM 3** — Vamo prá decisão, Gabiró!

(BATUQUE. BREQUE)

Mal 3 **MAOZINHA** — Virô xibungo, Gabiró?

Mal 1 **MULHER** — Nossa Senhora?

HOMEM 4 — Num provoca rôlo!

(O samba cresce, cresce. Gimba e Guiô dançam juntos. Um diante do outro, braços levantados. Gabiró como um raio precipita-se sobre Gimba, atirando a caneca no chão).

GABIRÓ — Vamo chegá! Vamo chegá! Vamo chegá!

(A batucada cessa. Ouve-se apenas o tilintar de uma frigideira retardatória. Silêncio).

GIMBA — (Ainda com os braços levantados no compasso do batuque) Que é que há, Gabiró?

GABIRÓ — (Mais baixo) Vamo chegá!

GIMBA — (abaixando os braços) Qual é o caso?

GABIRÓ — (Trêmulo, hesita. Ouvem-se risos abafados) Nada. Cachaça. Dôr de cabeça. (Avança para a turma em silêncio e estoura) Mas brincadeira tem hora, tem hora! (Silêncio) Tou cum dôr de cabeça, vou entrá. (Dirige-se ao barranco) (Pausa)

MAOZINHA — Cheira barbante queimado, é bom!

(Risos esparsos. Gabiró quase para. Passado o momento de hesitação vai para o barraco. Maozinha, debochando, começa a entoar a segunda parte do samba "Presidente dos Valente" Aos poucos o côro vai aderindo. Gabiró encontra Tico que adormeceu espiando pela fresta. Levanta-o do chão e coloca-o na cama. Senta-se junto ao menino; olhar distante).

CARLAO — Vão me desculpá gente, mais isso não se faz!

(Samba se dilue)

Mal 1 **HOMEM 1** — Isso o que, seu Carlão?

CARLAO — Não se deve maltratá um home, ainda mais sem razão...

Mal 1 **HOMEM 1** — Deixa prá lá!

GUIÔ — Deixa prá lá o que?

MAOZINHA — Fica braba não, Guiô! Dia de festa vale tudo, brincadeira!

GUIÔ — De gente besta!

GIMBA — E é bom pará mesmo! (Silêncio) Ouvia, ô vigarista!

MAOZINHA — (Bajulador e a um tempo, irônico) O mestre falou, papai obedeceu!

GIMBA — Deixa de onda, muleque. Vamo em frente pessoa, prá não esfriá. Mete lá. (Recomeça a batucada)

CARLAO — (A Gimba) Isso ainda vai dá bode. Se arranca, Gimba.

GIMBA — Tôu bem aqui!

CARLAO — Não cria caso.

GIMBA — Tôu bem aqui! Vamo lá, Guiô, mostra aí os bamboleio!

GUIÔ — Vamo nóis.

(Côro começa a cantar Você passou. Em meio à música surge **CHICA MALUCA**)

MAOZINHA — D. Chica Maluca, vamo aqui rebolá com papai! (Agarra a velha e rodopia) Segura ela! (Atira-a para o companheiro que faz o mesmo. Chica é atirada de um para outro, sempre gritando)

CHICA — Deixa... Me larga... Me deixa... Seus capetas.

(Fazem cama de gato a velha cai. Uma mulher ajuda-a a levantar)

MAOZINHA — Bebeu, D. Chica, caindo sôzinha?

CHICA — Me larga, négo atôa!

HOMEM 2 — (Passando a mão na barriga da velha) Que é isso, D. Chica, tá prenhe?

HOMEM 3 — É filho do Izidoro!

MAOZINHA — Então vai nascê de carcunda! (Risadas)

GIMBA — Vamo largá a mulhé!

MAOZINHA — Lugá de velha é asilo!

CARLAO — Vai prá casa, vai D. Chica.

(Segura-a)

CHICA — (Desvenilha-se de Carlão. Seus olhos são terríveis. Está possessa. Aponta o fôgo) Ali! Ali! Quem manda e quem governa! (Alguns se calam e se afastam)

MÃOZINHA — Quem governa é Getúlio!

CHICA — Raça desgraçada! Vão tudo para no fôgo! É ali... É ali... Meu velho falô, meu velho gritô lá das alturas. É sol e fôgo, sol e fôgo!

HOMEM 1 — Tu é que tá de fôgo, velha!

CHICA — (Avança para eles que recua) Quem não enxerga, vai enxergá. Quem não teme vai temê! A desgraça vai caí, desgraça de fôgo! Todos vão acabá no fôgo!

MÃOZINHA — Já tamo meio!

GUIÔ — Vai embora Chica, vai!

CHICA — Salvação é ajudá a desgraça! Eu vou! Vou fazê despacho! Cegueira, cancro, morte doida!

GUIÔ — Vai embora, maluca do inferno.

GIMBA — (Segurando-a) Deixa a velha que eu não quero nada com macumba!

CHICA — Tu, négo. Tu, négo forte! Tu apressou a desgraça! Tu arrasta desastre... Mas tem o fôgo, tem o sol... Tu paga, tu paga! Tu e essa néga rampeira... É tudo négo de desgraça! Nê meu velho! Nê meu velho! Tu ouviu? Tu ouviu?

(Carlão avança e coloca Chica nos ombros, levando-a para o barraco à direita)

CHICA — Meu velho, manda o fôgo. Fôgo que mata! Cobre esse négo desgraçado! Vem! Vem bala do céu, vem bala da terra, vem bala de fôgo! O sol vai despencá... O sol despencou! Nê meu velho!

GIMBA — Faz essa louca acabá de berro!

CHICA — (Sem fôlego, arfando) O sol despencou... (Carlão consegue dominá-la. Encerra-a no barraco) Vem bala... Vem bala...

MÃOZINHA — Tá doido, só.

GIMBA — A gente precisa se benzê!

HOMEM 1 — Isso é coisa do demônio!

RUI — (Do cimo do declive, aparece com Amélia) Ei gente! É bom deixá de zoada. A políça tá se concentrando lá embaixo. Deve havê batida...

AMÉLIA — Um montão dêtes lá embaixo!

GIMBA — Acabou a festa, gente. O melho é cada um ir prá seu canto.

(Todos começam a afastar-se. Carlão desce a trilha)

MÃOZINHA — Ve se te cobre, Gimba!

GIMBA — Não tem susto, tou preparado.

CARLÃO — Essa velha me dá agonia!...

(T) Se arranca Gimba.

GIMBA — Vai prá casa...

(Todos saem. Ficam Gimba e Guiô)

GIMBA — (Depois de pausa) Velha agourenta!

GUIÔ — Só pode se encosto!

GIMBA — Vou fazê me benzê.

GUIÔ — A políça, Gimba!

GIMBA — Tem nada, não. Eles não sabe certo que tou aqui. E depois não é tão difícil se arrancá...

GUIÔ — É sim Gimba!

GIMBA — Nada. Eles pensam que estou com quadrilha... Não te assusta não...

GUIÔ — Some, Gimba. É melho tu sumi. Some agora!

GIMBA — Só vou embora contigo, Guiô. Vim prá te busca. O cara de Mato-Grosso, prometeu. Prometeu arranjá lugá prá nós numas fazenda lá. Vamo prá lá. Tenho algum dinheiro. Nós pega sossego. O pior foi essa velha que azarou!

GUIÔ — (Espantada) Deixa a velha. (Pausa) Mato-Grosso?

GIMBA — Prá trabalhá. Não faz mal, não. Cansei, Guiô, cansei. Tu vem?

GUIÔ — Contigo até o sol desabando! Quando a gente vai?

GIMBA — Amanhã. A gente combina. Cada um deseje por sua conta. Depois nós se encontra. Tu vem?

GUIÔ — Já falei. E o Tico?

GIMBA — A gente busca depois. Por enquanto Carlão dá jeito.

GUIÔ — Num esperava... Nós dois cansá junto.

GIMBA — Bom aconteceu!

GUIÔ — E se a políça sobe agora?

GIMBA — O morro é grande, Guiô. Ninguém fala.

GUIÔ — Vem descansá!

(GIMBA e GUIÔ abraçados vão em direção ao barraco. Gabiró na porta, cheio de ódio)

GABIRÓ — Vamo dormi, Guiô.

(Guiô olha para Gimba indecisa)

GIMBA — (Sem se alterar) Tu hoje dorme aqui, com Tico.

GABIRÓ — Pera lá! Não vai...

GIMBA — (Cortando) Guiô é minha mulher. Não é?

(Entra com Guiô. Vai até a gaveta e pega o revólver. Saem para a esquerda. Tico dorme. Gabiró, inerte pelo desespero, depois de segundos consegue dar alguns passos. Senta-se na cama de Tico. O menino acorda).

TICO — Que bom que Gimba voltou, né Gabiró?

GABIRÓ — (Fixa Tico por momento) Dorme que tu tá com muita febre.

CAI O PANO

FIM DO PRIMEIRO TEMPO

SEGUNDO TEMPO

Mesmo cenário. Gabiró à porta do barraco de Guiô fuma pensativo. Tico dorme num sono agitado. É madrugada. O sol começa a despontar. Seus raios são fracos toldados por nuvens que prenunciam chuva.

Ouve-se um galo distante. No alto da trilha dois vultos dirigem-se ao barraco de Chica. A porta se abre e os dois vultos entram. Partindo dali, ouve-se indistintamente, um murmúrio de rezas. Após alguns momentos, Gabiró dá alguns passos, agitado. Guiomar surge de combinação. Olha para Tico. Vai até a porta do barraco.

GABIRÓ — Vai acabá de dormi vai Guiô

GUIÔ — Quero te falá.

GABIRÓ — Vai dormi...

GUIÔ — (Caminha para êle. Gabiró distancia-se)

GABIRÓ — (OS murmúrios de reza ouvem-se mais distintamente) Tá com movimento o baraco da Chica. Macumba da bôa!

GUIÔ — Gabiró, tinha que acontecê. Tu já devia tá sabendo!

GABIRÓ — Vai prá cama tô dizendo.

GUIÔ — Pereiso falá contigo. As coisa não pode ficá assim.

GABIRÓ — Não pode. Não pode.

GUIÔ — Eu vou embora, Gabiró. Vou com o Gimba!

GABIRÓ — Já vai tarde. Tu nunca pres-tou!

GUIÔ — Eu nunca escondi. Gostei só de um. Dêle.

GABIRÓ — Tu gosta de quem te marca. Meu mal foi não te marcá!

GUIÔ — Não adianta de nada ficá dêsse jeito.

GABIRÓ — Vai acabá de dormi. Vai ficá com teu home!

GUIÔ — Gabiró...

GABIRÓ — PRESIDENTE DOS VALEN-TES.

GUIÔ — Num sou mulhé prá tu Gabiró. Fiz tudo, tu sabe.

GABIRÓ — Pancada, pancada! Mulhé se trata com pancada!

GUIÔ — Besteira criá confusão!

GABIRÓ — Meu mal foi babá, ficá de joe-lho. Fiquei de quatro, fiquei de quatro na tua frente!

GUIÔ — Gabiró, só te peço uma coisa. Não cria rixa com o Gimba. Tu se arrepen-de. Êle gosta de você, não provoca êle.

GABIRÓ — Que é que tu pensa que é? Que é que tu pensa? Sempre, sempre vai se pegá home e largá. Fazê desgraça? Por que tu vive desgraçando os outros, por que comi-go? Que é que eu te fiz?

GUIÔ — Tu tá precisando de descanso. (Vai saindo. Gabiró segura-a pelo braço. O murmúrio de reza se transforma em canto baixo)

GABIRÓ — Diz! O que é que eu te fiz? Eu não quero te vê contente? Quero. Eu num vou trabalhá? Vou. Que é que tu qué, Guiô? Êsse home num presta. Êle tem é fôrça, só. Êsse home mata, Guiô. Tu vai vivê correndo da policia, sem lugá prá ficá. Êle te mata num dia de raiva... Guiô!

GUIÔ — Vê se te aquieta!

GABIRÓ — E vai acontecê, viu? Vai acontecê! Êle vai te marcá todinha como marcou tua cara! Todinha! Êle vai te marcá!

GUIÔ — Me larga Gabiró!

GABIRÓ — Tu vai sofrê, Guiô... Tu vai sofrê!

GUIÔ — Me larga, frôxo! (Desvencilha-se dêle)

GABIRÓ — Cachorra! Cachorra!

GUIÔ — Banca home uma vêz!

GABIRÓ — Guiô. Pelo amor de Deus num vai! Num vai com êle, Guiô! Nunca, nunca te pedi nada. Num vai com êle, pelo amor de Deus!

GUIÔ — Gabiró!

GABIRÓ — Eu sou moço, eu sei! Ppr isso. Num me desgraça a vida, Guiô! Num me desgraça!

GUIÔ — Deixa de escândalo Gabiró!

GABIRÓ — Tu já gostou de mim. O jeito que tu me agarrava! Tu me enfeitiçou! Minha nêga, minha nêga. Num me deixa, Guiô!

GUIÔ — (Intensamente num susurro) Larga de mim!

GABIRÓ — Eu te mato, Guiô, eu te mato (Canto no barraco de Chica aumenta) Tu vai com êle eu te mato! Eu sou home, Guiô! Ninguém me faz de côrno!

GUIÔ — Então mata! (Gabiró estanca) Mata!

GABIRÓ — (No auge do desespero) Guiô, Guiô! Eu beijo teus pé! Beijo teus pé! Sem tu eu num sou nada. É covardia de vocês porque em num posso com êle, porque eu sou fraco. Diz que fica, Guiô, diz que fica.

GUIÔ — (Empurrando-o com fôrça) Deixa de escândalo, Gimba vai acordá!

GABIRÓ — Deixa acordá! Deixa acordá!

GUIÓ — Fica quieto! Fica quieto! (Avança para êle e tapa-lhe a boca. Lutam. Gabiró de um salto desvencilha-se. Tico acordou e vai até a porta do barraco, tonto de sono)

GUIÓ — Home nêsse ponto tá perdido. Tu dá nojo!

GABIRÓ — Tu vai chorá chumbo, Guió! Tu vai voltá prá zona! Vou te vê morrendo num hospital, apodrecendo em vida. Eu juro, Guió!

GUIÓ — (Volta-lhe as costas. Sem dizer palavra empurra Tico para a cama, desaparece pela esquerda. Tico deita-se espantadíssimo. Gabiró pasa as mãos pelos cabelos. Olha por momentos para o barraco de Chica onde a cantoria decresce de intensidade. Refreia o ódio. Entra no barraco e enfia a cabeça na tina de água.

No barraco de Chica. Abre-se a porta e sai uma mulher visivelmente tonta, um grupo de pessoas atravessa o declive e ficam junto à porta)

TICO — Brigaram outra vez?

GABIRÓ — Ela não presta, Tico. Ela não presta!

TICO — Por que?

GABIRÓ — Ela vai deixá a gente!

TICO — Agora que o Gimba voltou?

GABIRÓ — Tu gosta dêle, não é? Tu gosta muito dêle! Ele mata, Tico, mata!

TICO — É prá se defendê!

GABIRÓ — Ruindade, Tico. Malvadeza! Esse home traz desgraça. Tu opviu a Chica dizê. Ela sabe! Esse home traz desgraça!

TICO — Gimba é bom!

GABIRÓ — Eles vão te deixá Tico! Eles vão te largá. Vão fugi, vão embora.

TICO — Eu êles num deixa!

GABIRÓ — Não? Coitado do moleque! Tu vai vê. Daqui a pouquinho: os dois que nem marido e mulhé, fugindo indo embora!

TICO — Dá um jeito dêles ficá!

GABIRÓ — Prá quê? Deixa í! Eu mostro prá êles!

TICO — Num deixa í não!

GABIRÓ — Eu tomo conta d'Ocê. Sossega, dorme.

TICO — Num deixa í!

GABIRÓ — Dorme.

TICO — Num fala mais do Gimba?

GABIRÓ — Fica quieto!

TICO — Ocês vive sempre brigando

GABIRÓ — (Indicador nos lábios) Psiu! (Gabiró sai do barraco e dirige-se ao barraco de Chica. Lá algumas mulheres e um homem estão junto da porta. O homem procura impedir a entrada de Gabiró).

HOMEM — Onde é que vai?

GABIRÓ — Não é da sua conta!

HOMEM — Prá falá com D. Chica precisa esperá vez!

GABIRÓ — É assunto urgente... ai prá lá!

HOMEM — Não vamo se alterá! Espera a vez e pronto!

GABIRÓ — Conheço a Chica não é de hoje, velho. Vou entrá e é agora!

HOMEM — Respeita os trabalho!

GABIRÓ — Sai de minha frente!

MULHER — Que é isso, moço?

CHICA — (Abrindo a porta do barraco) Prá que êsse barulhão?

HOMEM — O moço aqui não qué esperá a vez!

(A porta aberta do barraco deixa ver a luz de velas. sombras que se mexem lá dentro. Um canto surdo é ouvido)

CHICA — Deixa êle! Tá com jeito de alma pesada!

GABIRÓ — A senhora vai me ajudá D. Chica. A senhora tem de me ajudá!

CHICA — Tu não tem mêdo da velha, Gabiró?

GABIRÓ — As rezas, D. Chica!

CHICA — (Segurando-o pelo braço leva-o para longe dos do grupo) É tudo um desamparo!

GABIRÓ — Eu preciso da senhora D. Chica!

CHICA — Precisa de mim? Fala. Fala sempre!

GABIRÓ — Eu quero que a senhora faça uns despacho pro Gimba. Ele qué levá Guiomá. Ela qué me deixá.

CHICA — O nêgo! O nêgo traz desgraça... Sempre touxe. Vem bala. Muita bala. Esses nêgo sempre traz desgraça!

GABIRÓ — A senhora faz despacho não faz?

CHICA — Prò bem e pro mal! (aponta o grupo) Êses aí... Êses aí ainda acreditam na velha. O velho se ria... se ria! Pro bem e pro mal.

GABIRÓ — Então faz! Coisa certa, prá matá. Os dois. Ela pode í. Pode í embora. Mas quero vê ela apodrecê. Apodrecê em vida!

CHICA — (Fita longamente Gabiró. O canto aumenta e as silhuetas no barraco agitam-se furiosamente) Tu tá ruim menino!

GABIRÓ — Essa mulhé é o diabo, Dona Chica!

CHICA — Diabo. Hum! Tu não conhece nada, menino... (T) Olha o sol. Nem o sol pode saí.

GABIRÓ — Faz prá mim, D. Chica. Eu pago!

CHICA — Despacho de morte é perigoso. Pode voltá.

GABIRÓ — Voltá em quem?

CHICA — Em quem fez. Em tú. Em mim. E volta. Se não pega, volta. Santo dêles é forte. Vejo luz quando passo por Guiô. Volta.

GABIRÓ — Volta nada.

CHICA — Tu não conhece nada, menino. A volta queima.

GABIRÓ — Único jeito que eu tenho, D. Chica. Único jeito. Dou o que a senhora quisé. Tem de sé já.

CHICA — A volta queima!

GABIRÓ — Ela qué me deixá, D. Chica. Ela precisa sofrê. Presidente dos valente. Eu queria podê agarrá êle. Na minha cara, na frente de todo mundo. Os dois, D. Chica, os dois precisa sofrê.

CHICA — Mas volta. Tu não viu o fôgo. Foi volta. Volta que nem raio!

GABIRÓ — Queria sê do tamanho dêle. Só uma hora, só uma hora! Uma hora chegava!

CHICA — Pensei que desse certo. Despacho do grande. Depois fôgo, fôgo em tudo. Foi volta.

GABIRÓ — Vamo arriscá!

CHICA — Tu não viu. (Alguém dentro do barraco "recebe o santo" e começa a agitar-se e contorceer-se fora das vistas do público) Tu não viu, menino! Fôgo, fôgo e mais fôgo. Era petróleo. Tudo explodia. Tudo desabando. O velho lá no alto ficô, ficô aos grito. Ferro, fôgo, o mundo gemia, desabou o céu, Gabiró! Desabou tudo. Foi volta!

GABIRÓ — Por favor, D. Chica!

CHICA — Nico. Nico meu filho. Voltou prá êle também. Gritou prá mim. Prá mim ajudá! Eu parei. Sabia que era volta. Parei. O fôgo, Gabiró, o fôgo é quem manda!

GABIRÓ — Resolve de vêz, velha. Faz ou não faz?

CHICA — Tu tá curtido de ódio!

(As contorções da mulher dentro do barraco chegam ao auge)

GABIRÓ — Faz ou não faz?

CHICA — Nem o sol pode saí! É tudo tão abafado aqui! Mas vem a vingança do céu!

(Na porta do barraco surge a mulher possesa, dois homens tentam segurá-la)

GABIRÓ — Tem de fazê. D. Chica!

CHICA — Vai embora, Gabiró... (Encaminha-se para a mulher que se debate na porta. Entoa um "ponto"; é acompanhada pelos outros, a mulher se acalma. Entram todos no barraco. Gabiró fica instantes para-

do olhando para o barraco) Gimba aparece no barraco da esquerda; vai até Tico.

GABIRÓ — Eles vão apodrecê! (Desce vagarosamente a trilha)

GIMBA — Como vai moleque?

TICO — Bom!

GIMBA — Vou aranjá médico pr'ocê.

TICO — Tu vai embora?

GABIRÓ — (Surge na porta do barraco. Fita Gimba com ódio).

GIMBA — (Frio) Tá azêdo, irmão?

GABIRÓ — Presidente do valentes! (Sae correndo pela trilha)

GIMBA — (Vai até a porta do barraco) Tá perigoso teu padrinho!

TICO — Tá com raiva d'ocê!

GIMBA — (Cortando) Hoje, moleque, nós vamo arribá êsse corpo!

TICO — Tu vai embora?

GIMBA — Num me deixam ficá!

TICO — Guiô também vai, né! E eu?

GIMBA — Por pouco tempo. Logo, logo venho te buscá!

TICO — Isso é sujeira, Gimba!

GIMBA — Que é isso, moleque? Num tem outro jeito. Mas é por pouco. Depois nós vamo prá longê. Nós três, tá?

TICO — Eu também vou embora por minha conta.

GIMBA — Vai é ficá com Carlão até a gente vim te buscá.

TICO — Deixa eu í agora, Gimba. Eu não atrapalho, não.

GIMBA — Agora não pode. Não cria caso, delegado.

TICO — Ocês é que tão criando caso. Eu podia í com vocês. Podia ajudá até. Nós podia formá quadrilha.

GIMBA — Deixa de papo! Tu não pode nem com tu mesmo!

TICO — Posso sim!

GIMBA — Mixô o assunto, mixô!

TICO — Sujeira! De tu eu não esperava isso, Gimba. É ingratião!

GIMBA — Vai chorá agora? Tu não aguenta a mão aí. Teu trabalho na quadrilha vai sé êsse. Esperá quietinho até eu vim te buscá, tá?

TICO — Num vô nessa, não. Pensa que eu sou bôbo, é? Vocês tão querendo me eliminá.

GIMBA — Já tá dizendo bobage.

TICO — Eu sei. Eu sei. Pode deixá.

(Pausa)

GIMBA — Escuta. Se eu te contá um segredo tu não espalha prá ninguém?

TICO — Num quero sabê!

GIMBA — Olha lá!

TICO — Num quero sabê!

- GIMBA — Tá bom. Vou buscá o médico.
(Vai saindo)
- TICO — Gimba!
- GIMBA — (Voltando-se) Hum?
- TICO — O que é, hein?
- GIMBA — O que é o que?
- TICO — (Ainda emburrado) O segrêdo aí.
- GIMBA — Você não qué sabê.
- TICO — Diz!
- GIMBA — E pensando direito é melhô não falá mesmo. Tu pode espalhá.
- TICO — Conta, conta!
- GIMBA — É segrêdo sério?
- TICO — (Animando-se) Não espalho, não, Diz!
- GIMBA — Depois, depois eu conto!
- TICO — Ah! Gimba, conta!
- GIMBA — Vê lá, hein? É segrêdo sério. Tu não abre a bóca?
- TICO — Pode deixá. Ninguém vai sabê!
- GIMBA — Então, ouve lá. Tú sabe prá onde é que eu vou?
- TICO — (Falando baixo também) Onde?
- GIMBA — (Misterioso) Mato-Grosso.
- TICO — Onde é Mato-Grosso?
- GIMBA — Longe daqui. Lá no sertão!
- TICO — Tem cobra, não é?
- GIMBA — Tem. Tem onça!
- TICO — Onça tem?
- GIMBA — Tem.
- TICO — Tem é? Índio tem?
- GIMBA — Tem, tem índio!
- TICO — E cidade não tem?
- GIMBA — Tem. Cidade grande!
- TICO — E o que é que tu vai fazê lá?
- GIMBA — Trabalhá.
- TICO — Hein?
- GIMBA — Sim Sinhô, trabalhá!
- TICO — Mas que trabalho?
- GIMBA — Trabalho de fazenda. Depois eu venho te buscá e vamos os três prá lá. Que tal?
- TICO — Trabalho de enxada?
- GIMBA — Também.
- TICO — Deixa de sê bôbo, Gimba. Fica aqui.
- GIMBA — Que o que! Trabalho em fazenda é gostoso. Faz bem.
- TICO — Sei não.
- GIMBA — Ora não? Tu não gostaria de andá a cavalo?
- TICO — Deve sê bom.
- GIMBA — Lá só se anda a cavalo. Que nem mocinho.
- TICO — Usa revolve?
- GIMBA — Tem de usá prá matá as onça.
- TICO — E prá brigá com os índio, né?
- GIMBA — Os índio são de nada. Num dão nem prá saída.
- TICO — Então, nós assusta êles. Vai sê gozado!
- GIMBA — A gente laça boi!
- TICO — Que bacana! A gente pode caçá prá burro!
- GIMBA — Vamo vivê caçando! Então?
- TICO — O que?
- GIMBA — Tu espera eu vim te buscá?
- TICO — Espero firmê. E vou treinando. Vou laçá nêgo por aí à pamparra!
- GIMBA — Mas aguenta a mão, hein? Nada de se abri por aí.
- TICO — Pode deixá, ué! E vai demorá quanto?
- GIMBA — Pouco tempo. Tú aguenta a mão que um dia eu chego e te levo, tá?
- TICO — Bom.
- GIMBA — Mas vê lá! Não pode contá prá ninguém!
- TICO — Pode deixá!
- GIMBA — Olha lá!
- TICO — Se desconfia num precisava contá.
- GIMBA — Confio sim, moleque!
- GUIÓ — (Aparece vinda do quarto. Já está vestida para sair. Traz uma pequena mala.) Tu ainda não foi?
- GIMBA — Tou indo agora. Tava conversando com o Tico. Ele topou!
- GUIÓ — O que?
- GIMBA — Esperá até a gente vim buscá êle.
- GUIÓ — Só queria vê num topá. Tá ficando muito metido, moleque!
- TICO — Eu já sei prá onde vocês vão. Gimba contô.
- GUIÓ — Contô prá êle? (Gimba confirma)
- TICO — Precisa tê susto, não. Eu num falo.
- (Carlão e Médico descem pela trilha).
- GUIÓ — Se falá tu nunca mais vê o Gimba.
- TICO — Que cisma, sô! Pode deixá.
- GIMBA — Vou indo.
- GUIÓ — Te cuida, Gimba. Êles podem tá por aí!
- CARLÃO — (Entrando) Bons dias.
- GIMBA — Que é isso, seu Carlão!
- CARLÃO — Tá aqui um grande médico. Sorte êle tê subido hoje.
- GIMBA — Tava saindo prá catá um na amarra!
- MÉDICO — Economizou trabalho.
- CARLÃO — (Batendo nas costas do médico) Esse é do peito!

- MÉDICO — É bom ir dando o fora, Gimba!
- CARLÃO — Diz que tem um movimento brabo de tira lá embaixo.
- GIMBA — Deve tá mesmo!
- MÉDICO — Pelo jeito, eles estão prá tudo!
- GUIÓ — Gimba é melhor tu ir!
- GIMBA — O doente é esse doutor (Apon-ta Tico que olha ressabiado)
- MÉDICO — Tá na cara. Vamo vê isso.
- TICO — Tem injeção?
- MÉDICO — Tamanho homem com medo de injeção?
- TICO — Espeta!
- MÉDICO — E daí, espetadinha atôa. Deixa eu vê essa língua.
- GIMBA — Guió, é melhor tu i saindo. Depois a gente se encontra.
- CARLÃO — Vão os dois embora?
- GIMBA — Pois é.
- CARLÃO — Pensaro bem?
- GUIÓ — Pensamo bem, Carlão.
- CARLÃO — Então tá.
- MÉDICO — Respira. (Tico obedece) Res-pira forte. Isso!
- GIMBA — Queria mesmo falá contigo, Carlão. Levo Guió até ali e já volto.
- GUIÓ — (Olha Tico) Dá licença, doutor? (O médico se afasta) Té logo moleque. Fica bom depressa. Não vai fazê besteira. Se não, eu te pego e te desanco! Logo, logo a gente te busca. (Da um beijo no meniño) Vê lá, hein?
- TICO — Pode deixá. Té logo. Te cuidá também, viu?
- GUIÓ — Pode deixá.
- (Guió e Gimba saem. Carlão acende um cigarro enquanto o médico continúa o exame).
- GIMBA — Tá com o endereço aí, num tá?
- GUIÓ — Tudo certo.
- GIMBA — Tu me espera lá. Se eu não aparecê até de noite tu vai prá casa da An-gela. Se até de manhã eu não aparecê é que me agarram.
- GUIÓ — E se?
- GIMBA — É difícil. Precisa peito prá me agarrá. De noitinha tô lá.
- GUIÓ — E o Tico?
- GIMBA — Eu falo com Carlão. (Pausa. Dão alguns passos) Guió, eu tenho sono leve...
- GUIÓ — E?
- GIMBA — Ouví tua conversa com Gabi-ró. Quase quebro êle. Se eu não aparecê, foge de Gabiró.
- GUIÓ — Êle é capaz de besteira!
- GIMBA — O negócio é dá no pé e deixá êle prá lá!
- GUIÓ — Toma cuidado tu também.
- GIMBA — Êle é besta de se metê comigo?
- GUIÓ — Some logo, viu?
- GIMBA — Acerto as coisa com Carlão e me arranco. (Caminham para a trilha) Gran-de cara o Carlão!
- GUIÓ — Se ê!
- GIMBA — Tu' conheç o médico?
- GUIÓ — Nunca ví. Deve ser dêsses que faz politica.
- GIMBA — Se é dos bons é melhó êle se arrancá também. (Riem)
- GUIÓ — Longe Mato-Grosso, não é?
- GIMBA — Quanto mais longe melhó.
- GUIÓ — Tô com pressentimento que vai sê bom!
- GIMBA — Tomara!
- (Chica, pela janela do barraco, espreita Gimba e Guió)
- GIMBA — Tomara!
- GUIÓ — Tem trabalho mesmo, lá?
- GIMBA — O cara prometeu.
- GUIÓ — Engraçado. Nós dois trabalhan-do, em Mato-Grosso, preocupado com o Tico. Que nem familia, gente boa.
- GIMBA — Tu é gente boa. Quem nãe presta sou eu.
- GUIÓ — Bobage pensá! O jeito é i viven-do... em Mato-Grosso!
- GIMBA — Laçando boi!
- GUIÓ — De mão na enxada!
- GIMBA — Dormindo na rêde. Vou apren-dê toca viola.
- GUIÓ — Indo a balle nos domingo.
- GIMBA — Tu vai tê saudade das gafiêra... (Desaparecem no declive)
- MÉDICO — (No barraco) Ê, meu velho! Vai entrá nã injeção!
- TICO — Deixa prá lá doutor. Prá outra vêz.
- MÉDICO — Vai precisá segurá?
- TICO — Deixa prá lá doutor!
- MÉDICO — Segura êle aí, Carlão!
- TICO — Vamo com calma!
- MÉDICO — Vira aí, vira aí.
- TICO — Não, não. Na bunda não.
- MÉDICO — Entao vai no braço. Mas vai!
- TICO — Não precisa segurá, não.
- CARLÃO — Vamo deixá de fita, seu Tico.
- TICO — Fita sim!
- MÉDICO — (De seringa pronta) Como é vai?
- TICO — Pode espetá! (O médico aplica) Ah! Danada!
- CARLÃO — Já foi. Já foi!
- TICO — Tira daí que tá ardendo!
- MÉDICO — Calminha!
- TICO — Tira daí, seu!
- CARLÃO — Todo metido a valente e não aguenta uma injeção!

Eu só tomo no braço

TICO — E daí. Num gostô dê seu jeito!

MÉDICO — Pronto, valente, Acabô.

(Durante a cêna cabrochas acompanha-
das por homens que levam instrumentos de
percussão deixam o barracô de Chica. A velha
fica a espera na porta de seu barracô, quando
surge Gimba. O malandro ao deparar-se com
a velha estanca).

CHICA — Já viu? Nem o sol pode sair!

GIMBA — É.

CHICA — Tu não tem mêdo do perigo,
não é, Gimba?

GIMBA — Nunca tive, dona.

TICO — Machão o Gimba, né Carlão?

CHICA — Pois é bom se cuidá.

CARLÃO — Valente sim.

GIMBA — Pode deixá que eu respeito os
santo.

CHICA — É bom se agarrá com êles. As
vêzes ajuda!

GIMBA — Vão ajudá!

CHICA — As vêzes até os santo são fraco.

GIMBA — Segue teu camfinho, velha!

CHICA — Sempre trouxeram desgraça!

GIMBA — Vamo pará de agourá, sua ma-
cumbeira, vamo.

CHICA — Sempre trouxeram!

GIMBA — Que é que eu te fiz, velha?
Que é que eu te fiz?

CHICA — Traz desgraça!

GIMBA — Mas que desgraça! Que desgra-
ça?

CHICA — Vai embora daqui. Leva a mor-
te prá longe!

GIMBA — Cala essa bôca velha suja!

CHICA — Vocês sempre traz morte!

GIMBA — Corre daqui, desgraçada! Corre
que eu te mato!

CHICA — Se cuida, Gimba, se cuida. Tem
despacho de morte!

GIMBA — (Em lugar de avançar recua,
nervosissimo) Ah! Desaparece de mim. Sai!
Velha suja! Vai agourá a mãe, desgraçada!
Morte, morte de quem? Vou te vê na cova,
agourenta!

(Carlão e Médico saem atraídos pelos
gritos)

CARLÃO — Que é que houve, Gimba?

GIMBA — (Excitadissimo) O santo é forte,
viu! O santo é forte!

CARLÃO — Que foi, homem?

GIMBA — Essa macumbeira de merda.
Não pára de me agourá. Eu mato essa cadela!

CHICA — É bom se agarrá nos santo!

GIMBA — Ouve, ouve só essa macumbeira!

MÉDICO — Com mêdo da velha, Gimba?

GIMBA — Tou sim, e daí? Qual é o es-

panto? Quem é que não tem? Desde sempre
me azarando.

MÉDICO — Macumba maior é a miséria!

GIMBA — Vai atrás! Essas velha são de
morte. Azaram a vida de um! Prá cima de
mim não, compadre. Lhe meto a navalha!

CARLÃO — Que é isso, Gimba. Calma!

GIMBA — Ora não aporrinha! Despacho
de morte. Gabiró é bem capaz! Meto o ferro
nos dois.

MÉDICO — Pensa na polícia te procuran-
do. Tem mais perigo do que os despachos.

GIMBA — Cuide de seus remédio, doutô.
Tem coisa que só Deus sabe. Deus e o diabo.
Essa velha se dá com os dois.

CARLÃO — Tu tá é cansado, Gimba. Não
cria caso.

MÉDICO — O melhor é você fugir de uma
vêz. Eu passo amanhã para vêr o menino.

GIMBA — Ele não vai tá aqui.

CARLÃO — (Ao médico) Tu me procura.

MÉDICO — Tá bem. Até um dia, Gimba.

GIMBA — Até um dia, dr.

MÉDICO — Pior macumba é a miséria.
Pensa nisso.

GIMBA — Um dia nós acerta a consulta.

MÉDICO — Não precisa se preocupar.
Até um dia. (Sai)

CARLÃO — Bom cara tá ali. Um ma-
chão!

GIMBA — Tu viu essa velha, Carlão.
Desde ontem me atazanando.

CARLÃO — Você tá se impressionando
demais, Gimba.

GIMBA — E não é prá tá? Por causa de
macumba muita gente se danou sem saber
por que. Essa velha tem cara de capeta!

CARLÃO — Conversa! Esquece isso e vai
se arrancando enquanto é tempo. Tu já tá
abusando da sorte.

GIMBA — Acho bom eu í mesmo! Que-
ria te pedí cuidá do Tico, Carlão. Não cria
estorvo?

CARLÃO — De jeito nenhum. Onde come
quatro, come cinco.

GIMBA — Fica com êle. Dou um jeito de
buscá êle depois.

CARLÃO — Tu vem buscá?

GIMBA — Por que não? Não deixa êle
com Gabiró. Os dois não tem miolo.

CARLÃO — Me desculpe, Gimba, mas tu
não leva êle não.

GIMBA — Deixa de onda.

CARLÃO — Não leva, não.

GIMBA — Por causa de que? Êle que
vim com a gente!

CARLÃO — Tico não sabé o que quer. Ma-
landragem não é prá êle!

- GIMBA — Carlão, não diz besteira!
- CARLÃO — O garoto já tem mania de você. Indo contigo tá no crime. Tu sabe que não é bom. Ajuda êle, Gimba!
- GIMBA — Mas que crime? Eu parei, Carlão! Parei!
- CARLÃO — O que?
- GIMBA — Tô dizendo, parei!
- CARLÃO — Tu vai descansá?
- GIMBA — Tô frouxo, cansado, acabado! E essa velha me agourando.
- CARLÃO — Deixa a velha, companheiro do peito. Tu decidiu Tu vai prá onde?
- GIMBA — Prá longe. Descansá.
- CARLÃO — No duro, velho. Tô contente mesmo.
- GIMBA — Descansá trabalhando. Cansei, é só.
- CARLÃO — Então vai, homem de Deus. Vai logo antes que eles te agarre. Vái descansá.
- GIMBA — É uma fazenda. Trabalho gostoso. Não é fábrica.
- CARLÃO — Também deve sofrê. Mas é melho do que andá por aí fazendo desgraça!
- GIMBA — Sofrê! De sofrê não se acaba. Só não se sofre brigando, quebrando. Só sinto pará por causa disso! Ficá de mão grudada em cabo de enxada. É preciso quebrá, Carlão. Quebrá tudo! Quebrá aquela velha do inferno. Corré por aí. Cuspi nos coisas, pisá, pisá em tudo. Mas cansei. Tô frouxo!
- TICO — (Aparece no barraco e corre para Gimba) Gimba!
- GIMBA — Oi, moleque! Vou me arrancá já, já!
- TICO — Tu vai matá a Chica?
- CARLÃO — Mata nada! Que conversa de matá, matá!
- TICO — Mas se abusá tem ferro!
- GIMBA — Com home mesmo ninguém abusa. (T) Tu vai ficá com Carlão. Daqui uns tempos venho te buscá. Num vai fazê besteira!
- TICO — Contou prá êle também?
- GIMBA — Não, só tu é quem sabe.
- TICO — Pode confiá!
- GIMBA — Té breve, moleque.
- TICO — Volta mesmo. Vê lá! Se eles te achá, mete fogo!
- GIMBA — Pode deixá! Queimo um por um. (Acena com a mão para Tico que, de costas para o público, vê seu ídolo, gíngando, subir a trilha).
- TICO — (Emocionado) Gimba!
- (O negro pára e volta-se. Tico os dois braços no ar). Será que um dia vou sé como tu?
- GIMBA — Melhor, moleque, muito melhor!
- TICO — Se arranca, vai!
(Tico corre para a trilha em direção à saída de Gimba. Chora).
- CARLÃO — Vamo embora, General!
- TICO — (Descendo a trilha) Será que êle volta mesmo?
- CARLÃO — Volta.
- TICO — Sempre voltou, não é?
- CARLÃO — Sempre.
- TICO — E Gabiró?
- CARLÃO — Gabiró tem a vida dêle.
- TICO — Eu gosto de Gabiró.
- CARLÃO — Gimba disse prá você ficar comigo. Vamo prá dentro.
(Entram no barraco).
- TICO — Precisava avisá Gabiró.
- CARLÃO — Eu aviso.
(Carlão começa a juntar as coisas do menino. Tico pega com carinho as bolas de gude e guarda-as no bolso).
- TICO — Tem poco home como Gimba, né?
- CARLÃO — Tem muito homem valente. Tico. O mundo não é só isso aqui, não.
- TICO — Que nem Gimba duvido. Eu vi o Gimba sová cinco cara. Cinco de uma vez só. Deu em todos êle.
- CARLÃO — O médico que te cuidou é tão valente quanto o Gimba e nunca bateu em ninguém!
- TICO — Êle pode sabê tratá, mas valente não têm cara não.
- CARLÃO — Tu é muito garoto ainda. Crescendo tu vai tê muito que aprendê!
- TICO — Tu vem sempre com êsse negócio! Crescendo, crescendo. Já aprendi muita coisa, tá bom!
- CARLÃO — Tá brigando comigo, general?
- TICO — Tô dizendo que Gimba é o cara mais valente que tem e Gimba é meu amigo!
- CARLÃO — Meu também.
- TICO — Então tem de defendê êle!
- CARLÃO — Ninguém tá atacando.
- TICO — Diz que Gimba é o home mais valente que tem!
- CARLÃO — Um dos mais valentes! (T) Tem mais roupa?
- TICO — (Com raiva súbita e surpreendente) O mais valente que tem! o mais valente que tem!
- CARLÃO — (pausa) (Fita sério o menino) A gente sempre se deu bem, general!
- TICO — (Baixo mas intenso) O mais valente que tem!
- CARLÃO — Dá cá a mão, general.

TICO — (Estende a mão. Pausa) Mas não é mesmo?

CARLÃO — (Não responde) Tem mais alguma coisa prá levá!

TICO — Deve tê lá no quarto. (Saem os dois).

(Mãozinha surgiu durante o final da cena no alto da trilha à direita. Cabeça sangrando. Apressado desce a trilha. Tonto, quase cai. Segura a cabeça machucada. Corre para o barranco de Gulô).

MÃOZINHA — Gimba! Gimba!

CARLÃO — (Aparecendo) Que é que há, Mãozinha?

MÃOZINHA — Eles estão aí, tão aí!

CARLÃO — Polícia?

MÃOZINHA — Tão subindo o morro aos monte. Sabem que Gimba tá por aqui!

TICO — Viu o Gimba descendo?

MÃOZINHA — Ele desceu?

CARLÃO — Agorinha.

MÃOZINHA — VÃO PEGA!

TICO — Gimba acerta eles!

MÃOZINHA — Tão de metralha.

CARLÃO — Viram tu vim prá cá?

MÃOZINHA — Quase me pegam. Pulei do barranco, bati de cabeça. Dói prá diabo!

CARLÃO — Vai pó água! Depois te arranca. Vou leva o Tico embora.

(Mãozinha vai pra dentro do barraco lavar a ferida).

(Gimba e Amélia surgem no alto da trilha).

GIMBA — O negócio pretejó, gente!

TICO — Tava pensando em te avisá.

AMÉLIA — Eu avisei! Tão fazendo bandida, invadindo tudo que é barraco. Tão subindo uma porção!

GIMBA — Devem ter certeza que tou aqui!

CARLÃO — Como é que você vai fazer?

GIMBA — O negócio é procurá se enfiá no mato! (À Mãozinha) Te acertaram?

MÃOZINHA — Foi queda.

GIMBA — Tá feio isso. Cadê o resto do pessoal?

MÃOZINHA — Tudo espalhado por aí.

GIMBA — Num dá prá juntá alguns?

MÃOZINHA — (Já tonto) Vai sê difícil. Eles já deve ter se arrancado.

TICO — Tu só tem um revólve?

GIMBA — Já chega.

TICO — E bala?

GIMBA — Lembrô bem. Tem pouca.

MÃOZINHA — No barraco velho deve tê.

GIMBA — É bom nem chegá perto! Eles devem tê ido direto prá lá!

CARLÃO — Corre pro mato.

GIMBA — Eles já devem tá lá também. Precisava de uns oito ou dez prá quebrá o cerco...

MÃOZINHA — (Cambaleando) É gente... Tô tonto... (Amélia ampara-o).

GIMBA — Cuida dêle, Amélia!

CARLÃO — Gimba é melhó tu se arranca sozinho, é mais fácil. Mãozinha, vai dá trabalho!

MÃOZINHA — Não. Não.

CARLÃO — Tu pega cana leve. Gimba não.

MÃOZINHA — Me entregá nunca. Num sou saco de pancada!

CARLÃO — Tu não vai aguentá. Vai atrapalhá o outro.

MÃOZINHA — Eu já ajudei êle. Agora tem que me ajudá! Num me larga, Gimba, pelo amor de Deus!

GIMBA — Eu levo êle sim.

TICO — Eles não são home prá ocê, não.

AMÉLIA — Fica quieto, Tico.

MÃOZINHA — Vamo embora, Gimba. Eu tô ruim!

(Rui aparece na trilha em disparada).

GIMBA — Arranja um pano prá pô na cabeça dêle, Amélia).

CARLÃO — Eu tô avisando!

RUI — (Num susurro) Depressa, gente! fies vem prá cá!

TICO — Vai sai pua!

GIMBA — QUANTOS?

RUI — Sei lá! Tão revistando os barraco um por um!

CARLÃO — Dá o fora. Dá o fora!

RUI — Acho melhó nem subí a trilha!

MÃOZINHA — (Que está sendo medicado por Amélia) Prá onde então! Me acode Gimba, me acode!

GIMBA — (Sentindo-se acuado) Cala a boca! Tem arma aí?

MÃOZINHA — Navalha!

GIMBA — Passa prá cá!

RUI — Depressa Gimba, vamo se arrancá?

GIMBA — Mas prá onde?

CARLÃO — Barraco de Chica!

AMÉLIA — Vão vocês prá lá que eu tomo conta dêles aqui!

GIMBA — Onde?

AMÉLIA — Barraco de Chica, rápido. Eu aguento êles aqui.

GIMBA — Lá eu num vou!

CARLÃO — Deixa de sê tonto. Vamo prá lá!

GIMBA — Prá lá eu num vou! Velha do inferno! Isso tudo é agouro daquela velha!

AMÉLIA — Corre lá, Gimba!

- TICO — Vamo, Gimba!
- GIMBA — (Gritando) Prá lá eu num vou!
- MAOZINHA — Vamo, Gimba! Vamo, sim! Eles vem vindo, êles me pega!
- GIMBA — Vai tu se quisé! Eu aguento êles aqui!
- CARLÃO — Vamo corrê pra lá, desgraçado!
- VOZ — Cuidado aí, Angelo!
- TICO — Ói, êles!
- CARLÃO — (Puxando, Gimba) Vamo!
- MAOZINHA — Por mim, Gimba, por mim!
- GIMBA — Filhos da mãe! Velha desgraçada! Vamo lá!
- (Gimba segura Mãozinha. Correm todos para o barraco de Chica. Amélia entra no barraco de Guiô. Procura algumas roupas para fingir estar trábaldando. Coloca-as dentro do balde. Para atrair a atenção dos policiais que se aproximam começa a cantar) (Dois policiais surgem na trilha. Estão armados. Param um instante observando o terreno. Descem vagorosamente. Um dêles é o Santana).
- SANTANA — Tem uma alegre, aí!
- ANGELO — A voz é gostosa!
- (Com o pé, Angelo abre a porta do barraco. Cessa o canto).
- ANGELO — Quem tá aí?
- AMÉLIA — Gente boa!
- (Os dois entram).
- ANGELO — (Fitando Amélia de alto a baixo) Não deixa de sê...
- AMÉLIA — Que é que tão querendo?
- ANGELO — Policia, porque?
- AMÉLIA — Nada ué. Somo tudo gente trabalhador.
- ANGELO — Será?
- AMÉLIA — Pode vê. Me mato de lavá roupa pros outros.
- ANGELO — (Fingindo-se penalizado) Coitadinha! (T) Vai vê lá dentro.
- (Santana sai para o quarto de fundos).
- AMÉLIA — Pode remexer em tudo mas deixa eu continuá meu serviço.
- ANGELO — Calma. Vamos conversar um pouquinho.
- AMÉLIA — Quer sabê o que?
- ANGELO — Você mora sôzinha?
- AMÉLIA — Com meu homê, por que?
- ANGELO — Cadê êle?
- AMÉLIA — Trábaldando, ué. Pensa que se vive de briza?
- ANGELO — O que é que êle faz?
- AMÉLIA — De manhã e de tarde trabalha na fábrica. De noite em Oficina.
- ANGELO — Puxa! E prá cuidá de você, não sobra tempo?
- AMÉLIA — As madrugada!
- ANGELO — Êle deve chegar cansado. Você não se chateia de ficar sôzinha êsse tempo todo?
- AMÉLIA — Que se'há de fazê? Coisas da vida...
- ANGELO — Há sempre jeito de melhorar?
- AMÉLIA — (RINDO) Não sei disso, não!
- ANGELO — Eu acho um desperdicio largar uma morena d'essas assim!
- AMÉLIA — É! É preciso vivê...
- ANGELO — Num arrumou nehuma reserva por aí, não?
- AMÉLIA — Tá querendo sabê muito já! (Entra o Santana).
- ANGELO — (Mudando o tom rapidamente) Você não tem visto movimento de gente nova no morro?
- AMÉLIA — Notei, não.
- SANTANA — Não tem nada lá, só cacareco.
- AMÉLIA — Cacareco porque não foi você que arranjà!
- SANTANA — Zangadinha, é?
- ANGELO — Podê ir indo... Procura o Damasco, eu sôzinho tomo conta d'esse lado. Daquí a pouco estou lá.
- SANTANA — Vê lá, hein. Esse pessoal é traicoeiro! (Sai)
- ANGELO — Sei me cuidá. Pode ir.
- ANGELO — Você tá com cara cansada. Senta um pouco.
- AMÉLIA — Tou bêm de pé.
- ANGELO — É difícil encontrar uma morena que nem você.
- AMÉLIA — (Com um rizinho) Acha, é! Vocês tão procurando o que?
- ANGELO — Um vagabundo aí. Um tal de Gimba. Você nunca ouviu falar nêle?
- AMÉLIA — Eu não!
- ANGELO — Mas êsses malandrinhos que andam por aí você conhece, não é?
- AMÉLIA — Eu hein! Vê lá se me passo prá essa gente!
- ANGELO — Vive trancada no barraco, lavando e passando roupa à espera de seu amôr!
- AMÉLIA — É isso mesmo! Se não quisé sabê mais nada é melhor ir indo. Tenho muito que fazê!
- ANGELO — Tá me mandando embora. Você não vai com minha cara?
- AMÉLIA — Té que você é simpático...
- ANGELO — Boas falas... Dá um abraço em mim, vem!
- AMÉLIA — Eu, hein!

ANGELO — Um só. Abraço de amigo!

AMÉLIA — Conheço essas amizades...

ANGELO — Um só, vem!

AMÉLIA — Um só. Vê lá!

ANGELO — Um só!

(Amélia aproxima-se. Quando êle vai agarrá-la, Amélia escapa...)

ANGELO — Assim não. Você prometeu...

AMÉLIA — Vem buscá, ué!

(Angelo corre para ela. Amélia consegue livrar-se. Ela rí, cada vez mais atraente. Angelo está decidido a possuí-la. Finalmente consegue agarrá-la).

ANGELO — Agora um abraço e um beijo!

AMÉLIA — Só um abraço!

ANGELO — O beijo é pela corrida!

Beija-a. Amélia procura desvencilhar-se. Angelo agarra-a fortemente).

AMÉLIA — Agora chega. Me larga!

ANGELO — Teu homem pode ser trouxa e largar, eu não! —

AMÉLIA — Não. Não.

ANGELO — Um pouquinho de carinho.

Só um pouquinho...

AMÉLIA — Não faz isso. Aqui vem gente...

ANGELO — Deixa vir!

(Derruba-a na cama).

AMÉLIA — Seu louco. Me larga! Eu berro. Olha que eu berro!

ANGELO — Pode berrar, gatinha!

AMÉLIA — Tou dizendo, vem gente aí... Vem gente!...

(Angelo beija-a furiosamente. Amélia procura livrar-se em desespero).

ANGELO — Prá que tanta força. Qué me convencer que é santa, é?

AMÉLIA — Espera, aí... pára... escuta... escuta...

ANGELO — Diz minha querida, diz!

AMÉLIA — Aqui costuma vir muita gente me ver... Sei um lugar onde a gente pode ir sossegado!...

ANGELO — Tá querendo me fugir?

AMÉLIA — Juro!... Me solta... Não fujo, não!...

ANGELO — Eu te prendo, hein?

AMÉLIA — Pode soltá. (Angelo solta-a) Vem.

ANGELO — Onde?

AMÉLIA — No barraco em frente.. Não vai ninguém lá, Vem!.

ANGELO — Com você até no inferno...

AMÉLIA — Promete não demorá muito!...

ANGELO — Faço o que você quiser...

(Amélia, trêmula, conduz Angelo até o barraco de Chica. Ela abre a porta. Entra

Angelo e Amélia chama-o e sempre fora. Tapa o rosto com as mãos. Ouve-se um gemido. Silêncio. Após alguns minutos um corpo é atirado da janela do barraco para a ribanceira. Outra pausa. Tico sai empurrado por Carlão que segura a cabeça do menino contra o peito.

— Apagam-se as luzes —

2.º Quadro

Gimba sai do barraco arrastando Mãozinha que cai na soleira da porta.

TICO — Tu matou êle Gimba? (Rui abraça Amélia).

GIMBA — Rui, leva Mãozinha pro barraco. (RUI OBEDECE).

CARLÃO — Vai com êle, Tico. Deita um pouco que você tá com febre.

GIMBA — Não tinha outro jeito.

CARLÃO — Eu sei. Era você ou êle.

GIMBA — Era.

CARLÃO — Preferi que fôsse êle. Eu também matei.

GIMBA — Não vem com história, Carlão.

CARLÃO — Eu podia tê evitado.

GIMBA — Mas não evitou. Ninguém tem culpa.

CARLÃO — Temos sim.

GIMBA — Adianta batê no peito, agora adianta? É uma guerra, o mais forte esgana o mais fraco.

CARLÃO — Eu não estava na luta.

GIMBA — Então entrou, Carlão. Pega o Tico e some daqui.

CARLÃO — E tu?

GIMBA — Tu já fêz muito por mim. Se larga aí!

(AMÉLIA FORA ATÉ A RIBANCEIRA. FICOU A OLHAR FIXAMENTE PARA BAIXO. DE REPENTE IRROMPE EM GRITOS).

CARLÃO — Calma, Amélia. Não tinha outro jeito. Tu se defendeu!

AMÉLIA — Me deixa! Me deixa... (Chora).

GIMBA — Agora chora! Pode chorá! Trouxe o home prá mim. Prá matá. E agora chora!

AMÉLIA — Eu num queria! Eu num queria!...

RUI — (Saindo do barraco) Que foi, Amélia?

GIMBA — Ela não queria! Trouxe o home prá mim, mas não queria.

RUI — Que é isso, Amélia!

AMÉLIA — Me leva embora daqui! Me leva embora! Eu quero sumir!

CARLÃO — Leva ela, Rui.

RUI — Calma, Amélia. Vem, vamo embora.

AMÉLIA — Eu num queria!... (Vão saindo).

GIMBA — Bem que a velha falou. É desgraça que eu trago! Desgraça da nêga!

CARLÃO — Não adianta lamentá. Dá um jeito de fugir, Gimba.

GIMBA — Tô cansado, muito cansado. O pió é não sabê prá onde ir. Foi aquela velha, Carlão!

CARLÃO — Num dá prá descer pela ribanceira?

GIMBA — Num dá, já pensei. É morte certa.

CARLÃO — Tá pensando em se entregá?

GIMBA — Isso nunca, Carlão? Eles pode me pegá, mas é morto.

CARLÃO — Tu precisa resolvê logo.

GIMBA — Resolvê o que? O que é que tem prá resolvê. Morrê de pancada, de tiro, merrê de velho? Que é que tem prá resolvê? De que jeito a gente acaba?

CARLÃO — Sai daqui, Gimba, sai daqui!

GIMBA — Sai daqui, i prá outro lugá, mais apertado, mais cercado. Prá depois resolvê como fugi de lá. Até murrê, até murrê! Fugi, fugi, fugi! Mas chega! Cansei e ninguém me ouve. Toca ele Toca ele prá fora! Esmaga ele! Foge, foge, foge sempre! Tô cansado, cansado! Eu num sou nada, Carlão! Por que não me deixam ir embora? Já parei, não faço mais, palavra que não faço!

CARLÃO — Vamo lá, bichão, calma! Talvez fôsse bom se entregá, Gimba. Conseguiu umas garantia...

GIMBA — Prá apodrecê na cadeia? Morrê de pancada? Eles querem me judiá, Carlão. Já na fábrica começaram a me judiá. Vivem me judiando. Eu quero descansá, descansá! (Guiô surge correndo. Pára ao vêr Gimba).

GUIÔ — Tu ainda tá aí, Gimba!? Depressa, homem, foge!

GIMBA — Foge, foge... Me diz! Inventá um caminho prá mim fugir!

GUIÔ — Que é isso, Gimba. Tu nunca largou o corpo!

CARLÃO — Você também não conseguiu descer?

GUIÔ — Que esperança! Eles me conhece.

GIMBA — Mato-Grosso está virando piáda, Guiô!

GUIÔ — Num fala assim Gimba. Tu já escapou de bem pió!

GIMBA — Não adianta mais. Aquela velha agourou. Fizeram despacho!

GUIÔ — O santo é forte, Gimba! Tou contigo pro que vier!

GIMBA — Como você é linda, Guiô! Foge, foge, foge de mim. Eu não presto! Eu trago desgraça!

GUIÔ — Mato-Grosso, Gimba! Nós tamo querendo coisa boa. Confia que tudo melhora!

(TICO FICOU COM MAOZINHA NO QUARTO DOS FUNDOS. CARLÃO DURANTE O DIÁLOGO FOI BUSCAR O MENINO).

GIMBA — Eu trago desgraça, Guiô! Eles até aqui prá revistá os barraco. Nós se escondemos no barraco da Chica. Eu num queria ir. Bem que eu não estava querendo. Amélia ficou dibrando os tira. Um deles deu em cima dela. Prá se livrá ela levou o homem pro barraco da velha. Não tinha outro jeito, meti a navalha nêle... E o Carlão ficou olhando. Não fez nada. Só prá me defendê! Tou arrastando todo mundo, Guiô. A velha tinha razão... Gente boa como Carlão e eu arrasto prá morte.

GUIÔ — Ele não teve culpa, nem você! Não pensa nisso. O que precisamos é sair daqui!

GIMBA — Entende, Guiô, não adianta! Tamos cercados de tudo quanto é lado!

GUIÔ — E tu quer ficá parado aí? Sem fazê nada! Esperando a polícia? Cadê você, Gimba?

GIMBA — É que eu estou com medo, Guiô

GUIÔ — Derruba o medo. Vem, vem comigo. Vamo vê a ribanceira, talvez dê jeito!

GIMBA — Tu não perde as esperança, não é, Guiô? Tu ainda está com pressentimento bom?

GUIÔ — Tô sim. Tô.

GIMBA — Pressentimento teimoso êsse. Não, Guiô, não vai dá pé!

GUIÔ — Gimba, ficá parado é covardia. Faz alguma coisa!

GIMBA — Fazê o que?

GUIÔ — Eu é que vou sabê? Mas ficá parado não adianta. Precisa procurá um caminho prá fugir.

GIMBA — Inventá um, Guiô!

GUIÔ — Num fica assim. Num fica assim! Resolve de vêz: fugir, enfrentá, se entregá — resolve de vêz!

GIMBA — Cansei!

GUIÔ — Todo mundo tá cansado, mas tu tem obrigação de resolvê!...

TICO — (Entrando) Tu também não conseguiste descê, Guió?

GUIÓ — Por enquanto, não. Mas já, já a gente desce.

TICO — Eu quero ficá com vocês.

GUIÓ — Fica não, Tico. Vai.

CARLÃO — Levo êle e volto aqui.

GIMBA — Tu já fez muito, Carlão. Cuida de tua vida.

CARLÃO — Agora não dá mais prá recua. Resolvi comigo.

GIMBA — Faz o que quisé! (PAUSA).

TICO — Não dá prá cavá uma cova e se escondê? (Silêncio).

GUIÓ — (Resoluta) Pela ribanceira tem de dá!

GIMBA — Adianta de nada.

GUIÓ — Pela ribanceira tem de dá, Gimba!

TICO — Eu tou aqui prá ajudá!

CARLÃO — Eles tão aí, Gimba. Tão subindo. Vão dá pela falta do outro. Tu precisa tentá!

GIMBA — Fica quieto, Carlão...

GUIÓ — A gente arruma corda...

GIMBA — Guió...

GUIÓ — Pela ribanceira...

GIMBA — Por favor, Guió...

GUIÓ — Arrumando corda tem de dá!

GIMBA — Pelo amor de Deus, Carlão, leva o Tico daqui!

GUIÓ — Prá não vê, não é? Prá não vê o Gimba medrá!

TICO — Guió!

GUIÓ — É sim! Prá não vê o Gimba tremê.

GIMBA — Eu não quero mais fugi, Guió. Parei de brigá!

GUIÓ — Então vai prá lá. Diz prá eles, diz prá eles que medró!

GIMBA — Adianta nada isso, Guió. Me deixa em paz!

GUIÓ — Medró, medró sim. Meu Gimba medró!

GUIÓ — Valente com mulhé, prá dá na valhada na cara! Valente de tostão prá um coitado que te acredita!

GIMBA — Tu se cala!

GUIÓ — Vem fazê eu calá!. Pois eu fico. Fico prá vê o Gimba tremendo. Vamo ficá os dois esperando bala. Leva o Tico, Carlão. Nós vamo esperá!

TICO — Pela ribanceira dá sim, Gimba! Tu engana eles todos!

GIMBA — (Depois de pausa) Tu não tem medo de nada, n'ê moleque?

TICO — Tenho não.

GIMBA — Isso. Sem mêdo até morré! (Olha para Guió) Fala de coração, Guió. Adianta tê esperança?

GUIÓ — De coração; adianta!

TICO — Adianta sim, Gimba.

GIMBA — Então, vamo nós! (À Guió) Tu não fala mais daquele jeito comigo?

GUIÓ — Num é mais preciso.

GIMBA — Tem lugá prá prendê a corda?

TICO — Tem sim. (Corre para a ribanceira).

CARLÃO — Tu mereee fugi.

GIMBA — Sei não.

TICO — Tem um tôco que dá prá amarrá!

CARLÃO — Tu que já matô é mais manso de quem teme matá. Arruma as corda, eu cuido de Mãozinha.

GUIÓ — A gente pode fazê corda com roupa...

GIMBA — Por aí deve tê uns pedaço de corda de fato.

GUIÓ — Arruma o que pudê.

GIMBA — Vai dando nó nas roupa!

GUIÓ — Ajuda, Tico...

GIMBA — (CORRENDO PARA OS BARACOS) Quem me arruma umas corda? Alguém tem corda, aí?

NEGRÃO — Que folga é essa rapaz? Tão invadindo tudo!

GIMBA — Deixa invadi! Com corda vai dá prá fugi pela ribanceira!

NEGRÃO — É fundo o troço!

GIMBA — É o que resta. Vamo tentá! Um pedaço de corda, minha gente!

NEGRÃO — Precisa ter peito descê por lá!

GUIÓ — Sai por onde?

NEGRÃO — Lá sei eu? Fico onde eles não estão! Vão acabá me grudando!

GUIÓ — Tu viu prá que lado eles estavam indo?

NEGRÃO — O grosso da tropa deve tá pro lado da mata.

GUIÓ — Então vai dá tempo! Topa descê pelo barranco?

NEGRÃO — Uái, na falta de elevadô!

GUIÓ — Me ajuda aqui!

TICO — Eu também vou descê pela corda!

GUIÓ — Pois sim que vai!

GIMBA — (TRAZ UM PEDAÇO DE CORDA FORNECIDO PELOS MORADORES). Olha aqui! Pode sê que dê!—

GUIÓ — O que faltá a gente arruma com os fios da luz!

GIMBA — Bôa, engenheiro!

GUIÓ — Passou a canseira, é?

GIMBA — Ninguém é de ferro, Guió!

GUIÓ — Aperta aí.

GIMBA — Faz força, não, Tico.

TICO — Deixa ajudá!

CARLÃO — (Que estivera cuidando de Mãozinha, trazendo-o para o terreiro) O rapaz aqui não tá nada bom.

GIMBA — Vai sê duro carregá com êle!

CARLÃO — É melhó deixá êle aqui, Gimba. Prá êle não acontece nada.

NEGRÃO — Chi! Num vai durá muito, não!

GIMBA — Eu levo êle!

GUIÓ — Esse é o Gimba que eu conheço!

CARLÃO — Vocês é quem sabe!

TICO — Deixa eu descer pela corda também, Gimba!

GIMBA — Pode não, moleque. Dando certo a gente se encontra de novo.

GUIÓ — Larga de marcá encontro e arruma roupa. O que tá aí não dá.

(Chica surge. Fica imóvel e silenciosa. Todos olham. Faz-se um silêncio constrangedor)

GIMBA — Veiu olhá, não é, velha? Velu olhá se pegô. Pois te afunda nas rezas que ainda sobrou esperança! Fala, velha! Pode falá! Diz que tá contente! Fala! Tô com Nossa Senhora, viu!... com Nossa Senhora!

CARLÃO — Vai andando, vai D. Chica! Some daqui! (A velha sai)

GIMBA — Velha excomungada!

CARLÃO — Não te preocupa, não, Gimba! Vai em frente!

TICO — Ela não gosta da gente, não é?

GUIÓ — É louca! Tamo perdendo tempo, gente. Mais roupa!

NEGRÃO — Desamarfa a cara, Gimba! Vamo lá

GIMBA — (Sério) O que tá aí deve dá. Vamo vê!

GUIÓ — Pode se animá, nêgo. Vai dá tudo certo! Puxa os nós prá firmá. (puxam os nós) Firme, Negrão!

NEGRÃO — Tá firme, ué! (Cantando com a música do salve general) Foge, foge general/ Se arancando enche o morro de alegria/ Hoje prá nós é carnaval/ Se salvou o mestre da valentia!

GIMBA — Tu é de morte, Negrão!

GUIÓ — Eles vão pensá que ocê sumiu voando!

GIMBA — (com muito afeto) Minha Maria Bonita!

(Todos cantam. Negrão pega a corda e dirige-se à ribanceira. Repentinamente Gabiró surge na trilha. Uma onda de policiais invade o palco).

GABIRÓ — (Apontando) É aquê! Gimba é aquê!

DAMASCO — Invadir os barracos!

(Os policiais invadem o morro. Carlão, Negrão e Mãozinha são imediatamente presos. Gimba, sacando o revolver, de um salto vai para o barraco onde Guió já se encontra protegendo Tico)

GABIRÓ — Pega o Gimba!

NEGRÃO — Gabiró, cagoeta filho da...

TICO — (No barraco) Foi Gabiró que trouxe, Gabiró!

POLICIAL — É se entregá, Gimba!

DAMASCO — Vamos acabar com êle. Fôgo no barraco!

(Estoura a metralha)

CARLÃO — Tem mulhé e criança lá dentro. Êle mata o menino! Êle mata o menino! Tem mulhé e criança lá dentro!

(Apagam-se as luzes)

Som de surdo na escuridão total).

VOZ — Prenderam o Gimba!

ÉCO — Gimba!... Gimba!... Gimba!...

CÓRO — Prenderam, prenderam, prenderam o Gimba!

Prenderam, prenderam, prenderam o Gimba
Prenderam, prenderam, prenderam o Gimba
Prenderam, prenderam, prenderam o Gimba

Corre mulato, corre logo, vai embora,
Corre mulato, corre logo, vai embora,
Corre mulato, corre logo, vai embora.

Gemeu, gemeu chorou,
Gemeu, gemeu chorou.

Tá prá morrê
Tá prá morrê
Tá prá morrê!

Prenderam, prenderam, prenderam o Gimba
Prenderam, prenderam, prenderam o Gimba
(Decrescendo)

Silêncio.

VOZ — Prenderam o Gimba!

ÉCO — Gimba... Gimba... Gimba.

(Acendem-se as luzes. Anoitece. Os policiais estão instalados em todos os barracos da redondeza. Cercam completamente o barraco de Guió. Comem e bebem. Damasco fêz do barraco de Chica seu Q. G. Está sendo entrevistado pelo reporter. Carlão sentado num caixote.)

REPORTER — (Falando ao Microfone do Gravador) Estamos a poucos passos do barraco onde se encontra escondido o famoso facinora conhecido por Gimba. Já há algumas horas

que a patrulha policial, comandada pelo delegado Damasco cerca o local. A policia vem tomando tôdas as medidas para a pronta captura do perigoso meliante. Junto à nossa reportagem encontra-se o campeão desta noite — delegado Damasco — a quem solicitamos algumas palavras ao nosso microfone.

DAMASCO — Muito boa noite aos ouvintes. Gimba está com os minutos contados. Se não fôsse a mulher e o menor que se encontram em seu poder já o teriamos capturado há horas. Frio e calculista, Gimba, sem dúvida é capaz das maiores atrocidades. Não seria impossível que êle cumprisse a promessa de assassinar a criança em seu poder caso avançássemos. Mas os ouvintes podem ficar calmos. Agimos com tôda a prudência para salvaguardar a vida da pobre criança ameaçada. Gimba será vencido pelo cansaço e pela fome. Será capturado custa o que custar!

REPORTER — Muito obrigado, delegado Damasco! Sem dúvida a ação calma e ponderada da policia merece nossos melhores elogios. Queriamos saber ainda se foram efetuadas muitas prisões nessa batida policial.

DAMASCO — Limpamos isso aqui. Prendemos perto de 20 malandros, alguns procurados já há tempos. Graças ao nosso aparelhamento técnico moderno e à ação pronta de nosso Chefe de Policia, o crime não tem mais vez nessa cidade. Estamos prontos a tudo, procurando proteger a calma e segurança da população.

REPORTER — (Desligando o aparelho) Muito bem.

DAMASCO — Falei direito?

REPORTER — Tá bom, tá.

(Guiô está na fresta do barraco. Gimba, sentado. Tio junto de Guiô)

DAMASCO — O homem tá aguentando firme!

REPORTER — As más línguas por aí estão dizendo que você vai acabar dinamitando o morro.

DAMASCO — Má lingua é a tua, foca vagabundo! Pode jogar teu veneno pelo jornal. Gimba tá no papoi!

REPORTER — Até que eu tenho elogiado você ultimamente.

DAMASCO — Só se for ultimamente.

REPORTER — Aqui prá nós, hein! Vocês já deram cada mancada!

DAMASCO — Vocês só sabem é falar. Vem prá cá! Vem fazer!

REPORTER — Prá tirar seu emprêgo? Prá que! (Ri)

DAMASCO — Dá o fora, vai!

REPORTER — Estou indo. Pode interrogar o homem à vontade. Eu não fico espiando, não

DAMASCO — Some.

(Reporter sai. Encontra-se com o fotógrafo do lado de fora, tiram fotografias. Vão depois juntar-se aos policiais)

DAMASCO — (A Carlão) Fuma? (Carlão nega com a cabeça) Como vê, não queremos fazer mal nenhum ao menino. Gimba não aguenta mais duas horas.

CARLÃO — O senhor não sabe do que êle é capaz!

DAMASCO — Será? (Pausa) A rapaziada andou te judiando, hein?

CARLÃO — Pois é.

DAMASCO — Prá que mentir, então? Será que um sujeito de sua idade anda a procura de cartaz? Confessar pertencer a um bando sem pertencer só pode ser vontade de ter retrato em jornal!

DAMASCO — Todos os que interrogamos disseram que você não tem nada com isso. Você é operário, não é? Deve ter conhecido o Gimba desde criança, não é mesmo?

CARLÃO — Escuta, patrão: se quisé desce a lenha desce, se quisé prendê, prende, mas chega de conversa fiada!

DAMASCO — Vamos com calma, seu moço! Se perco meu tempo aqui é porque estou vendo que você é diferente dos outros. Não sei quais são seus motivos, mas o fato é que você pretende passar por malandro sem ser. Por que?

CARLÃO — Problema meu comigo, dr.

DAMASCO — Que problema?

CARLÃO — O sr. não entende disso... Aposto que o senhor dorme sossegado de noite, não é dr? Pois é. Deus então o livre de pensá, dr. Pensando, pensando certo, o senhor não dorme nunca mais.

DAMASCO — Olha aqui... (Controla-se) Só estou procurando ajudar você. Prá encurtar, quero lhe dar uma oportunidade de sair dessa situação sem nenhum aborrecimento. Você está enterrado até o pescoço nêsse negócio todo...

CARLÃO — O que manda, dr.?

DAMASCO — Gimba é um assassino, um ladrão...

CARLÃO — Nunca matou prá roubá!

DAMASCO — É um assassino em todo o caso...

CARLÃO — Só matou prá se defendê, acuado!

DAMASCO — É um assassino, ameaçando de morte uma criança! É um perigo pra sociedade. O lugar dêle é na cadeia. Você tem

obrigação de ajudar a justiça, servir a lei. Como bom brasileiro, como cidadão!

CARLÃO — Pois não, dr.

DAMASCO — Você é muito amigo do Gimba...

CARLÃO — O sr. quer que eu vá dizê prá êle sai do barraco, não é?

DAMASCO — Mais ou menos isso. Perdido êle está de todo o jeito, mas prá evitar canseira, tiroteio, é melhor. É melhor para todo mundo. Para você em primeiro lugar. A gente podia passar por cima de certas coisas.

CARLÃO — Quanto levo nisso?

DAMASCO — Que é que há, se animou?

CARLÃO — Quem sabe? Quanto eu levo?

DAMASCO — Se livra de encrenca.

CARLÃO — É pouco.

DAMASCO — Escuta aqui, seu vagabundo, Gimba eu pego quando quiser, sem você!

CARLÃO — Então me deixa em paz!

DAMASCO — Para evitar publicidade, tiro... por causa do menino!

CARLÃO — (Com muita ironia) Podia ser seu filho, não é dr.?

DAMASCO — Meu, seu! Ficar livre de encrenca já é grande coisa.

CARLÃO — Dinheiro, dr.

DAMASCO — Uma gratificação a gente acerta.

CARLÃO — De quanto, dr.?

DAMASCO — 200, tá?

CARLÃO — Mil, no mínimo, dr.

DAMASCO — Que é que você tá pensando! Te meto nas grades que tua família esquece a tua cara!

CARLÃO — Mudou de falas, dr. — Mil.

DAMASCO — Mas me traz aquêle desgraçado!

CARLÃO — Desculpe dr. Mas tem de sê adiantado.

DAMASCO — Vamos acabar de papagaia-da, seu pilantra!

CARLÃO — É bom.

DAMASCO — Você nunca foi prêso, não é?

CARLÃO — Nunca, dr.

DAMASCO — É desagradável, sabe? Ficha suja na polícia é espêto...

CARLÃO — Mil dr. Adiantado

DAMASCO — Tá certo.

CARLÃO — E a liberdade, dr.

DAMASCO — Vocês são todos da mesma raça! Quero o homem aqui, agora. Nada de bancar o esperto. Qualquer coisa eu varro o terreiro à bala. (Puxando uma nota) Isso é de sinal!

CARLÃO — O sr. nunca falou com homem, não é, dr.?

DAMASCO — Toma o dinheiro logo e me traz o bandido!

CARLÃO — (Rasgando a nota) Não faça isso, dr.

DAMASCO — (Agarra Carlão pela gola) Velho sujo! Te ensino a brincar com a autoridade!

(Ouvem-se dois tiros. Reboliço entre os policiais. Gimba sobressalta-se)

DAMASCO — Que é que houve aí?

POLICIA 2 — É lá atrás!

DAMASCO — Olho vivo, pessoal!

POLICIA 1 — Não foi nada, não, seu Damasco. Sant'Ana que tá meio assustado. Já levou baile do Gimba uma vez...

DAMASCO — Tá muito nervoso o Santana. Diz prá êle parar de atirar em fantasma. Antes me some com êsse sujeito daqui!

(Carlão é brutalmente arrastado. Damasco vai a outro barraco)

CARLÃO — Tou contigo, Gimba!

POLICIA 1 — Cala essa bôca, velho!

GIMBA — Filhos da mãe! Tão judiando de Carlão!

GUIÓ — Te aquieta, Gimba.

GIMBA — É de mais, Guió. É de mais!

GUIÓ — A gente aguentô até agora. Alguma coisa tem de acontecer.

GIMBA — Tem sim! A gente apodrecê aqui dentro. Eles pode ficá cercando o barraco a vida tôda. A gente tem de acabá saindo, então eles cortam a gente de tiro!

GUIÓ — Não, não, Gimba! Não tem mais tiro!

(Estoura um flash)

GIMBA — Já vieram tirá fotografia do enterro, Guió. Tô com cheiro de defunto!

GUIÓ — Num te desespera, Gimba. Guarda tuas fôrça!

GIMBA — Melhó dá um tiro na cabeça que sê caçado dêsse jeito!

GUIÓ — A gente tem de vivê. A única coisa que a gente tem. A gente não pode desistí de vivê!

GIMBA — Tão me obrigando a desistí! Sempre obrigaram, sempre me judiaram! (Tomaram uma decisão) Eu vou sai, Guió! Vou sai atirando! Aí acaba tudo!

GUIÓ — Tu não te mexe daqui!

GIMBA — Eu vou sai! Tem de tê saída! Tem de tê saída!

(Gimba, alucinado, bate nas paredes do barraco. Corre até o quarto dos fundos)

TICO — Diz prá êle acalmá, Guió! (Guió, séria, observa os movimentos de Gimba)

GIMBA — (Voltando) Eles estão em todo o lugar! Vão ficá aí a vida tôda!

GUIÓ — (Num rompante) Tu não pode mais meu nêgo! O jeito é se entregá!

GIMBA — (T) Eu num tou querendo nada! Quero descansá. Quero só descansá! Descanso da vida. Descansá trabalhando. Descansá me matando! (Num lamento) E é agora que êles conseguem me pegá! Logo agora que apareceu Mato-Grosso. Eu queria podê lavá tudo, apagá tudo!

GUIÓ — Gimba, a gente consegue um advogado, depois tudo se arruma. O que importa é saí com vida!

GIMBA — Que vida, Guió, que vida? Eu tô morto!

GUIÓ — Não fala assim!

GIMBA — (Indo à fresta) Êles tem medo de mim! Êles não avançam! Eu é que tenho de avançá! Não querem nem tê trabalho! Ah! Guió, se a gente pudesse explicá, dizê baixinho, sossêgo, sossêgo só, quero só sossêgo e sai na ponta dos pé, sem ninguém vê, bem de manso... E ninguém acredita. Ninguém acredita!

GUIÓ — Vão acreditá! Um bom advogado convence êles! Tu não pode desisti de querê!

TICO — Foi Gabiró! Por que Gabiró ca-goetô?

GIMBA — Ouva bem, Tico. Vida nossa é brigá! Ninguém quer nada com a gente. Tu tem de brigá e fugi. Se precisá, esmaga, deruba, põe fôgo, mas briga. Parando de brigá a desgraça te segura. Vê? Eu? Não dá mais prá fugi. Mas tem uma vingança, Tico! Vingança que dá paz! O Ministro da Justiça passou noites sem sono por causa do Gimba, com medo do Gimba. E êle não sabe — o Ministro da Justiça — que Gimba só quer sossêgo, que Gimba medrô, que Gimba acabô. É gozado, mas o Ministro da Justiça não sabe nada! Tu sabe mais. Tu sabe muito mais. (Máxima emoção, voz grave) Ninguém vive, Tico. Os home estão só de olho aberto. Prá querê vivê, é preciso tá que nem eu — morto! (Pausa)

TICO — Êle tá doente, Guió!

GIMBA — O gozado é que êles esperam lá e eu aqui. Esperando pelo que já aconteceu. Vão dizê prá êles que eu já acabei, que podem chorá o morto!

GUIÓ — Tá dizendo bobagem, Gimba. Tu tá bem vivo, meu nêgo. Vivo prá mim!

GIMBA — Coitada da minha Guió. Cheguei dando um pouquinho de esperança, não foi? E agora te deixo na mão... Foi a velha. Diz prá ela que os agouro deram certo. Que tá tudo certo! Veio bala do céu. Diz prá ela que acertou. A gente só traz desgraça! (Deita-se e fica imóvel)

TICO — Êle vai morrê, Guió?

GUIÓ — Não é nada, não, Tico!

TICO — Tá morrendo sim! Foi Gabiró, foi Gabiró.

GUIÓ — (Agarrando-se a Gimba) Fala baixo, Tico. (Chora baixinho)

GIMBA — São capaz de fazê samba prá mim. Sempre cantam prá quem morre... O gozado é que eu sei, sei agora, uma porção de coisa. Depois de morto eu sei. (Delira)

GUIÓ — Num fala mais, Gimba! (Levanta-se e vai molhar um pano na água. Coloca-o na cabeça de Gimba)

TICO — Gimba, olha prá mim, eu cuido de Gabiró, pode deixá.

GIMBA — (Agitado) É tudo infeliz! É preciso sacudí os home, Tico. Precisa sacudí.

GUIÓ — Descansa, Gimba. Tu tá com muita febre!

GIMBA — Viram o Carlão? Ficou até o fim. Até o fim. Carlão é feliz. A gente precisa morrê prá entendê uma porção de coisa. (Pausa. Guió renova a compressa de água)

(Vozes elevam-se em protestos)

HOMEM 1 — Vão ficá aí a noite tôda?

HOMEM 2 — Preciso levantá cedo amanhã!

POLICIA 1 — Vão dando o fora. Vão dando o fora!

HOMEM 1 — Invadi a casa dos outros sem ordem é ilegal!

(Vozerio interno) (Damasco e Reporter entram no barraco de Chica)

DAMASCO — Êles estão se concentrando em volta de nós!

REPORTER — Cêrco duplo.

HOMEM 1 — (Fora) Quero entrar no meu barraco, não vou podê por quê?

POLICIA 1 — É bom ficá quietinho!

HOMEM 2 — Vocês sabêm é invadi a casa da gente. Os ladrões no duro estão tudo solto por aí!

HOMEM 1 — Quero entrá no meu barraco! (Policiais agitados saem dos barracos para contê-los)

POLICIA 1 — (Entrando no B de Chica) Seu Damasco, o pessoal tá reclamando feio!

DAMASCO — Deixa êles entrar nos barracos.

POLICIA 1 — Tão querendo que a gente saia!

DAMASCO — Vai aguentando com jeito.

POLICIA 1 — Vai ser meio duro...

DAMASCO — Estou dizendo para aguentar com jeito!

POLICIA 1 — Tá bom. (Sai)

REPORTER — Está ficando prêto o negócio.

DAMASCO — Qualquer coisa eu chamo reforço. Com esse pessoal Ys vêzes no macio não vai. É preciso mão de ferro.

FOTÓGRAFO — (Entrando) Está brabo o troço. Tirei umas boas chapas.

DAMASCO — Esse Gimba vai me pagar isso tudo.

REPORTER — Quanto calcula que vai demorar o cerco?

DAMASCO — Ele está aguentando firme. Talvez, até de manhã.

REPORTER — Tá com vontade de arrancar ele de lá à força, não é?

DAMASCO — Não se incomode que não vou lhe dar manchete, não.

REPORTER — Olha, eu estava bolando aqui contigo. Tem algum inconveniente de eu entrar no barraco?

DAMASCO — É morte certa!

REPORTER — Morie nada! Conheço esses tipos. Nm reporter ele deixa entrar. O resto fica por minha conta, tá?

DAMASCO — Eu não ia!

REPORTER — Não acontece nada. Eu convenço o bicho a sair de lá. Pode ser?

DAMASCO — Vai! Mas eu não me responsabilizo.

REPORTER — Legal. (Ao fotógrafo) Você fica aqui. Quando eu estiver saindo com o bicho, tira as chapas que puder, tá?

FOTÓGRAFO — Vamos lá.

DAMASCO — Sob sua responsabilidade vê lá!

REPORTER — Não precisa ter medo. (vai até o centro vagarosamente) (grita) Gimba! É de paz! Quero entrar prá gente se estender. Estou desarmado e sózinho! Da imprensa!

(Gimba ergue-se um pouco. Torna a cair)

GIMBA — Deixa ele vir, Guió. (Guió empunha o revolver de Gimba) (Abre a porta. O reporter encaminha-se para ela)

REPORTER — Estou desarmado.

GUIÓ — Entra! Mão na nuca.

REPORTER — Ah, é você que está tomando conta, é? Gimba arriou?

GUIÓ — Fica quietinho aí. Gimba está descansando. E eu estou aqui pro que der e vier. O que é que há?

REPORTER — Vim dizer que o delegado não quer fazer mal ao Gimba. Basta ele se entregar. Promete entregar o Gimba logo prá justiça.

GIMBA — Eu ainda ouço, moço. Pode falar direto comigo. Que justiça?

REPORTER — Você vai ter advogado e tudo mais.

GUIÓ — Eu tava dizendo prá ele se entregá. Convence ele, moço. Diz prá ele que tem esperança!

REPORTER — Claro que tem esperança. (À Guió) Posso abaixar as mãos? Vamos evitar tiro. Você está perdido. Não tem jeito de escapar. Vamos, vem comigo!

GUIÓ — Vai com ele, Gimba!

TICO — Num vai, não, Gimba!

REPORTER — Que é isso menino. É melhor prá você também!

TICO — Vai não, Gimba!

GIMBA — Eu já morri. Diz prá eles vim me buscá. Só peço uma coisa. Que soltem Carlão. Ele não tem nada comigo. Carlão é bom. Manda soltá Carlão.

REPORTER — Mando, sim. Por favor, Gimba. Vamos acabar com isso. Você está sofrendo, os três estão. Vem comigo. Eles vão acabar sabendo que você não mata ninguém mais. Ninguém mais. Ninguém se escora muito tem em ameaça. Você se entrega, arranja um bom advogado; eu arranjo isso! Depois, você consegue liberdade condicional, não é difícil. Então, Gimba.

GUIÓ — Vamos, Gimba. Levanta. Vai com o moço. A gente consegue o advogado. Nós temo de ir prá Mato-Grosso...

TICO — Num conta, Guió!

REPORTER — Então, Gimba! Você se entrega. Daqui a algum tempo você pode ir prá onde quiser, sossegado. Prá ficar de ameaça, deitado aí, sem esperança de fugir!

GIMBA — Eu já pouco me interesso, moço. Queria só descansá, queria só descanso. Me mataram, chega. Que venham me buscá.

GUIÓ — Pelo amor de Deus, Gimba. Daqui a pouco quem não aguenta mais sou eu!

GIMBA — Pobre de minha nega! A velha tem razão, a gente só traz desgraça!

GUIÓ — Chega, Gimba. Chega! Chega de falá em desgraça. Ela já veio, pronto! Convence ele, moço. Convence ele.

REPORTER — Ela é sua mulher, não é, Gimba? Ela só quer seu bem, ela está pedindo...

GIMBA — Pode ir embora, moço. Vai! Não quero mais confusão. Manda vim me buscá. Manda atirá, manda pôr fogo. Quero sossêgo!

DAMASCO — Que é que houve aí?

GUIÓ — Manda esse cara calá a boca.

REPORTER — Nada não, Damasco. Tudo calmo. Gimba vai sair!

(Reboliço entre os policiais)

GIMBA — Não mente pro homem. Ouve só, parece urubú. Diz prá eles vim buscá o morto!

REPORTER — Você está agitado, Gimba...
 GIMBA — Manda êle embora, Guiô.
 REPORTER — Pela última vez...
 GIMBA — Vai embora, moço. Me deixa...
 Me deixa em paz.
 REPORTER — Um esforço só, Gimba. Vem comigo. Eu protejo você!
 GIMBA — (Num acesso) Mas larga de mim! Que venham me buscá. Manda vim me buscá... Ah!... (Cobre o rosto com as mãos)
 GUIÔ — É melhor sai, moço!
 REPORTER — Tô falando de coração. Convença êle. Vai ser melhor prá todo mundo.
 TICO — Diz prá êles que não precisa tã medo. Gimba resolveu trabalhá.
 REPORTER — (Tem um leve sorriso triste) Digo sim. (À Guiô) Posso sair sem susto?
 GUIÔ — Vai. (Pausa longa)
 TICO — Tudo por causa de Gabirô.
 (Pausa)
 GUIÔ — Pensa no que o moço falô, Gimba... (Gimba reteza-se como em pranto)
 DAMASCO — (Ao Rept.) Como é que foi?
 REPORTER — Tenho esperança que êle se entregue. O jeitô é esperar.
 GUIÔ — Adianta ficá assim, Gimba? Tremendo de febre, dizendo que morreu? Levanta, home. Se entregá agora é sé corajoso. Covardiã é ficá gemendo deitado na cama. Tu me fêz esperá muita coisa boa. Agora tu tem de me dá!
 GIMBA — Não quero mais ouvi nada, Guiô!
 GUIÔ — Gimba, daqui a pouco êles não dão bola prá ameaça e desabam o barraco a tiro! Eu sei que é duro, Gimba. A vida é dura. Mas tu não pode se largá assim! Existe coisa boa no mundo. Um pouquinho tem de sobrá prá nós, não é?
 GIMBA — Contra macumba não há o que fazer!
 GUIÔ — Não tem macumba nenhuma! Meu nêgo, me ouve. É a única saída, Gimba. Deixa de ficá assim, levanta! Viye, luta, se mexe!... Eu estou pedindo, Gimba! Tou aguentando firme por tua causa. Levanta, Gimba. Assim êles vão te judiá ainda mais!...
 GIMBA — Me deixa, Guiô. Tudo me dói.
 GUIÔ — Tu falou tão bonito, Gimba. Na vida mansa de lá. Tu tá esquecendo isso, os balle nos domingo! E agora qué morrê prá me deixá de novo perdida, caida na zona? Gimba, meu. Tem o bom comportamento. Nem que durma com todos êles, eu consigo os advogado que precisá, Gimba...
 GIMBA — Tu ainda tem esperança!
 GUIÔ — Tenho, Gimba. Tenho. Olha firme prá frente, meu nêgo. Mesmo tu te entregan-

do êles vão tremê. Ninguem vai tê coragem de te encostá a mão!...

GIMBA — Mato-Grosso é tudo pr'ocê, Guiô!

GUIÔ — Nós vamo, nós vamo prá lá...

TICO — Vamo sim, Gimba!

GUIÔ — Isso, Tico. Ajuda o Gimba que tu gosta!

GIMBA — Tu acha mesmo que pode?

GUIÔ — Pode sim, Gimba. Tem de acreditá!

GIMBA — Tô fraco, Guiô. Não consigo nem mais me mexê!

GUIÔ — Um pouco de vontade, Gimba. Só um pouco!

GIMBA — (À Tico) Moleque, coisa gostosa é tê uma mulata decidida que guarda esperança no coração quando a desgraça te segura.

GUIÔ — Gimba!

GIMBA — Por você, nêga valente! Por você!

GUIÔ — Isso, Gimba. De pé! De pé meu nêgo!

GIMBA — Manda calá o samba, Guiô. Gimba vai tentá!

GUIÔ — Vai, meu nêgo, vai!

TICO — (Num arroubo) Num me deixa, Gimba. Nem me deixa!

GIMBA — É prá não te deixá. Por Guiô, Gimba vai até prá cadeia! (Grita) Damasco!

DAMASCO — Fala, Gimba!

GIMBA — Sossega que eu vou me entregá!

DAMASCO — Sai com as mãos na nuca! Nada de truque!

(Os policiais agitam-se)

Cuidado, gente. Olho vivo!

GUIÔ — Tu tá indo prá Mato-Grosso. Meu nêgo, meu nêgo, meu nêgo querido!

GIMBA — Pode sé que demore muito, Guiô!

GUIÔ — Vale a pena esperá!

GIMBA — Prá nós Mato-Grosso virô céu!...

GUIÔ — A gente vai te vê...

GIMBA — Êles vão te levá também, cuidado!... Tô meio tonto! Cuida dessa febre, Tico, não fica que nem eu...

TICO — Cuidado, viu!

GIMBA — Pode deixá! Com'ê, nêga boa, dá um abraço ou num dá?

GUIÔ — Dô (Abraçam-se. Gimba põe as mãos na nuca. Caminha. Abaixa as mãos para abrir a porta).

SANT'ANA — (Histérico) Mãos na nuca! Mãos na nuca! (Atira)

(Gimba, atingido, desaba espantado)

DAMASCO — Sant'Ana desgraçado!

REPORTER — Ele estava se entregando! (Silêncio no morro. Atraídos pelos tiros os moradores invadem o paleo. Tico mistura-se com os populares. Está com o revólver de Gimba. Policiais invadem o barraco de Guió. Querem segurá-la. Ela os domina com seu desespero...)

VOZ — Mataram o Gimba!

(Guió vai até o corpo de Gimba. Olha-o por instantes. Policiais querem detê-la. Ela novamente se desvencilha).

GUIÓ — Gimba! (Aos Policiais) Resolveram, não é? Resolveram tudo, não é. Bom comportamento prá quê, não é?

DAMASCO — Leva ela daqui. Foi acidente!

GUIÓ — Resolveram... Resolveram matando, não é? Prá que ligá pro nêgo, pro nêgo cansado. Mata! É mais fácil, não é? Desculpe, meu Gimba. Fui eu. Fui eu que te convenci. Ele tava cansado... Ele só queria descansá! Prá que, não é? É mais fácil matá!

DAMASCO — Leva daqui! (Os policiais a arrastam para fora)

GUIÓ — Vocês tinham prometido!... Tinham prometido... Resolveram. Resolveram matando... Fui eu, Gimba, a culpa é só minha...

DAMASCO — Você viu bem! O louco do Sant'Ana atirou sem ordem!

REPORTER — Não sei como é que deixam uma arma na mão desse animal!

DAMASCO — Ele vai ser punido... (O Reporter sai) (Fotógrafo tira flash) (Aos policiais) Deixa. Eles levam o corpo. (A polícia se retrai)

GUIÓ — (Seus gritos são distantes) Mataram meu nêgo... Mataram meu nêgo... Eu fiz meu nêgo morrer...

(Os moradores — Escola de Samba — fazem alas. Quatro homens levantam Gimba. Amélia e Rui estão presentes).

AMÉLIA — Silêncio! Abram alas! (Lentamente. Ladainha. O Coro responde)

GUIÓ — Mataram meu nêgo. Ele tava cansado só. Ele já tava morto. Socorro! Socorro! (Misturam-se os gritos com a ladainha.

nha. Sai o cortejo. Tico sozinho no palco, revólver de Gimba seguro pelo cano).

TICO — (Um verdadeiro gemido) Gimba!... Gimba!... Guió!... Guió!... Mataram o Gim-ba!... Mataram o Gim-ba.

GABIRÓ — (Surgindo assustado) Tico!... Tico!...

TICO — Mataram o Gimba!...

GABIRÓ — Tico!

TICO — (Assustado) Gabiró!

GABIRÓ — Vem, vem comigo!

TICO — Num vem, não. Foi tu que matô Gimba!

GABIRÓ — Quem matô foi a polícia. Vamo embora, garoto. Não adianta nada chorá aí!

TICO — Se não fôsse tu, Gimba não morria!

GABIRÓ — Moleque, a gente precisa se arrancá!

TICO — (Acocora-se enquanto fala) Tou só... tou só! Gimba!... Guió... Guió... Gimba é o mais valente que tem! O mais valente que tem!

GABIRÓ — (Quase chorando) Não tive culpa de matarem ele. Não tive. Vamo embora, garoto bobo!

TICO — Sei, sei! Tu também quê me matá! Tu também quê me matá! Foge, disse... Gimba. Foge dos home!

GABIRÓ — Vem comigo, Tiquinho!

TICO — Foge dos home! Num vem não! Num vem não!

GABIRÓ — (Aproximando-se) Foi no desespero, Tico!

TICO — Num chega perto! Tu matô. Tu matô!

GABIRÓ — (Aproxima-se mais) Tico!...

(De um salto Tico levanta-se e atira. As duas mãos no gatilho. Gabiró deixa escapar um fraco gemido e cai. Tico chorando sóbe a trilha. Para junto de Gabiró; revólver na mão assume as atitudes de Gimba).

(Apito agudo de Polícia)

VOZ — É pro lado do barraco!

(Tico sobressalta-se e sai acompanhado pela sirene dos carros de polícia)

FIM DA PEÇA